

Jornal da Unicamp

Campinas, novembro de 2000 – ANO XV – Nº 156

DESEMPREGO
é o assunto do
nosso primeiro
CADERNO TEMÁTICO

Fome

Melhem Adas traçou a 'geografia da fome' na II Semana de Alimentação, na qual foram discutidas ações concretas para ajudar a população que não tem o que comer.

Páginas 6 e 7

AUMENTO DE VAGAS NA GRADUAÇÃO

Grupo de docentes faz proposta para quadruplicar número de vagas da Unicamp

Páginas 10 e 11

FORMANDO O MÉDICO COM ÉTICA

FCM muda currículo para oferecer ao aluno um conteúdo mais humanístico

Página 3

A HISTÓRIA DA VIOLA CAIPIRA

Professor do IA conta que a frota de Cabral já trouxe violeiros a bordo

Página 19



A MÃE QUE ABANDONA O FILHO

Assistente social procura mostrar que esta mulher pouco tem de 'desnaturada'

Páginas 8 e 9

DOM PAULO E DOM PEDRO EMOCIONAM

Religiosos recebem título *Honoris Causa* em cerimônias comoventes

Páginas 12 a 15

MENDIGA TROUXE LUZ AO CAISM

A andarilha que inspirou a criação da Unidade de Cuidados Paliativos

Páginas 4 e 5

Exposição de 63 cartões postais que retratam cenas do Japão de 1890 a 1930, na Unicamp, resgata a arte milenar dos trabalhadores da estampa. São imagens poéticas e reveladoras de um país que emergia como potência na virada do século

Página 20

PESQUISA
PESQUISA

Teste de surdez na lei

Estudo para detectar doença em bebês será votado na Assembléia

ADRIANA MIRANDA

adriana@reitoria.unicamp.br

De duas a sete crianças em cada 1.000 nascidas no Brasil apresentam problemas de surdez. Embora seja consenso entre os médicos de que o diagnóstico precoce até os seis meses de idade é crucial para o desenvolvimento do bebê, isso não ocorre. Agora, um teste simples e barato pode detectar, ainda na maternidade, se o recém-nascido apresenta algum grau de surdez de causa genética.

O estudo realizado no Centro de Biologia Molecular e Engenharia Genética (CBMEG) da Unicamp, coordenado pela professora Edi Lúcia Sartorato, já virou notícia nacional há poucos meses, mas de tão importante deixou a esfera acadêmica para transformar-se em projeto de lei na Assembléia Legislativa. Caso o projeto de autoria do deputado estadual Vitor Sapienza, líder da bancada do PPS, seja aprovado, o teste será obrigatório nas maternidades públicas e estabelecimentos congêneres do Estado. Mais: vai ser gratuito.

O deputado decidiu transformar o teste em lei depois de tomar conhecimento pela mídia do estudo *Aplicação das Técnicas de Biologia Molecular no Diagnóstico Etiológico da Deficiência Auditiva*. "Considero a pesquisa fundamental para melhoria da qualidade de vida de centenas de crianças", avalia. O texto foi publicado em 30 de maio deste ano no Diário Oficial do Estado (DOE). A votação em plenário pode ocorrer até dezembro, com aprovação por maioria simples de votos.

O teste não deve custar mais que R\$ 20,00. Ele indica com precisão se o bebê tem o problema genético mais comum relacionado com a surdez, a mutação 35delG no gene *conexina 26*. "A proteína *conexina 26* é essencial para o funcionamento normal do ouvido interno", explica Edi.

A professora trouxe a idéia de um congresso da Sociedade Americana de Genética Humana realizado em 1998, em Denver (EUA) e, aqui, promoveu adaptações na metodologia conhecida como *PCR alelo-específico*. A técnica está em fase de obtenção de patente, em nome da Unicamp. O trabalho teve início em 1999 e obteve apoio da Fapesp (cerca de R\$ 30 mil), com prazo de conclusão em dois anos. Também participa do projeto Andréa Trevas Maciel Guerra, do Departamento de Genética Médica, que atua como geneticista e responde pela triagem e avaliação clínica das crianças envolvidas na pesquisa.

A incidência no Brasil – A maioria das ocorrências de surdez no País, explica Edi, tem causas não-genéticas, classificadas de ambientais, tais como rubéola, traumatismo de parto, complicações perinatais, meningite e uso de determinados medicamentos durante a gestação. Com o aumento da atenção à saúde materno-infantil, os casos ambientais tendem a diminuir, e a proporção de casos genéticos a crescer progressivamente, o que torna o teste fundamental. Nos países desenvolvidos, as causas de herança genética chegam a 60% das ocorrências de surdez.

Apesar de atingir centenas de crianças, hoje, no Brasil, dificilmente a surdez é detectada antes dos quatro anos.

Edi Sartorato, do CBMEG, em laboratório: teste barato, que aponta se o recém-nascido apresenta problemas de surdez de causa genética



"Nessa idade a criança já pode ter sofrido problemas devido à falta de estímulos cerebrais relacionados com a fala, o que vai prejudicá-la para o resto da vida", aponta Edi. Não existe tratamento para a doença. "Enquanto as técnicas de terapia gênica não se tomam realidade, o tratamento está exclusivamente na reabilitação, proporcionando à criança a comunicação e a integração à sociedade. Além disso, é fundamental a realização do aconselhamento genético da família", aponta.

O teste é muito importante também por fornecer o diagnóstico às famílias com casos já confirmados. "Assim elas podem ser informadas dos riscos de recorrência, se por ventura optarem por mais um filho", acrescenta, lembrando que vários casais sofrem porque querem descobrir o real motivo da doença. "Muitos pais sentem-se culpados pela surdez dos filhos. Relacionam o problema, por exemplo, com algum remédio que a mãe tomou durante a gestação. O teste fornece o diagnóstico preciso, diminuindo a ansiedade dos familiares."

O teste é tão simples como outros já feitos rotineiramente. Atualmente a detecção é feita com o teste otoacústico, que determina o nível de audição do bebê por meio de uma sonda que mede vibrações sonoras no canal auditivo. Este exame custa US\$ 7,50 mas não aponta as causas da doença, ou seja, se ela está ou não relacionada com problemas genéticos, muitas vezes aumentando a angústia dos pais.

Pelo novo método, a mutação 35delG pode ser apontada a partir de uma simples gota de sangue da criança, obtida logo depois do seu nascimento. "A coleta pode se dar por ocasião do teste do pezinho", ensina a pesquisadora. O resultado sai em aproximadamente três horas.

Outros progressos – Este teste é apenas um dos primeiros resultados da pesquisa, que envolve o estudo de outros genes relacionados à doença. Além do diagnóstico serão possíveis prognósticos mais precisos, uma vez que existem diferentes graus (variando de leve a profundo) e diferentes genes envolvidos.

Já se sabe, por exemplo, que o aparecimento da mutação 35delG não deixa a criança surda. "É preciso que os pais tenham o mesmo problema, mais comum

em pessoas de origem italiana, grega ou espanhola", revela Edi. Os portadores – aqueles com audição normal e que têm a mutação em dose única – só gerarão um filho com surdez se o companheiro também carregar a alteração genética. "Nesse caso, será de 25% a chance de a criança nascer surda", estima Edi. Por outro lado, se o companheiro não apresentar mutações no gene, os filhos do casal poderão ou não herdar a alteração em dose única e ser igualmente portadores. A chance de que isso ocorra é de 50%.

Outra situação é a da união de um portador com um indivíduo surdo pela presença da mutação em dose dupla. Nesse caso, a chance de que nasça um filho surdo é de 50%, sendo os outros 50% de uma criança portadora. "Deve-se ressaltar ainda que todos os filhos de uma união entre um indivíduo surdo, com mutação em dose dupla, e outro geneticamente normal, são portadores da mutação".

Trabalho com 30 famílias – Já foram estudadas mais de 30 famílias. Em colaboração com a coordenadora-associada do Hemocentro da Unicamp, Joyce Maria Annichino Bizzacchi, realizou-se o rastreamento da mutação 35delG em 620 amostras colhidas no cordão umbilical de nascidos na região de Bragança Paulista.

Esta amostragem permitiu concluir que a mutação parece ser freqüente também no Brasil. "O índice está em torno de 1%: um em cada 100 nascidos é heterozigoto para a mutação, ou seja, com mutação no gene *conexina 26* herdada apenas do pai ou da mãe", explica Edi. Ela observa, porém, que um cálculo envolvendo a população brasileira é sempre difícil devido à sua heterogenia.

Para aprimorar a amostragem, o CBMEG vai ampliar seus estudos para todo o País, visando constatar se a incidência é maior em uma ou outra região. Este trabalho começa a ser desenvolvido pela doutoranda Camila Andréa de Oliveira, de 25 anos, orientada de Edi, que espera terminar o mapeamento em até dois anos. Fundamental para isso será que maternidades e hospitais dessas regiões realizem o teste do pezinho e enviem amostras de sangue para os laboratórios da Unicamp.

UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas

Reitor Hermano Tavares. **Vice-reitor** Fernando Galembeck. **Pró-reitor de Desenvolvimento Universitário** Luís Carlos Guedes Pinto. **Pró-reitor de Extensão e Assuntos Comunitários** Roberto Teixeira Mendes. **Pró-reitor de Pesquisa** Ivan Emílio Chambouleyron. **Pró-reitor de Pós-Graduação** José Cláudio Geromel. **Pró-reitor de Graduação** Angelo Luiz Cortelazzo.

Jornal da Unicamp Elaborado pela Assessoria de Imprensa da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Periodicidade mensal. **Correspondência e sugestões** Cidade Universitária "Zeferino Vaz", CEP 13081-970, Campinas-SP. **Telefones** (0xx19) 3788-7865, 3788-7183, 3788-8404. **Fax** (0xx19) 3289-3848. **Homepage** <http://www.unicamp.br/imprensa>. **E-mail** imprensa@obelix.unicamp.br. **Editores** Luiz Sugimoto, Álvaro Kassab e Manuel Alves Filho. **Redatores** Adriana Miranda, Antônio Roberto Fava, Célia Piglionne, Isabel Gardenal, Nadir Peinado, Raquel do Carmo Santos, Roberto Costa e Maria Alice da Cruz. **Fotografia** Antoninho Perri e Dário Crispim. **Edição de Arte** Oséas de Magalhães. **Diagramação** Dário Mendes Crispim e Hélio Costa Júnior. **Colaboradores nesta edição** Ronaldo Faria, Carlos Lemes Pereira, Bill Souza, Luciana Lima, Paulo César Nascimento e Félix (ilustrações). **Serviços Técnicos** Clara Eli de Mello, Dulcinéia B. de Souza e Edison Lara de Almeida. **Impressão** R. Vieira Gráfica e Editora Ltda.

ENSINO
 ENSINO

O novo médico

ROBERTO COSTA
 rcosta@unicamp.br

No dia 5 de março do próximo ano, quando os 110 calouros iniciarem o curso de medicina da Unicamp, estarão diante de uma nova fase do ensino médico no Brasil. Ao contrário de aulas estruturadas por disciplinas, vão ter um currículo baseado em módulos de conhecimento. Nada mais natural que começar estudando profundamente as funções da célula, razão da multiplicação da vida, e sobretudo com ensinamentos práticos, como se estivessem na pele de um profissional recém-formado enfrentando seu dia-a-dia.

Para o primeiro semestre estão programados temas como o corpo humano, a fisiologia humana e a relação entre medicina e saúde. "Queremos formar um médico com visão global e humanística, oferecendo-lhe forte conteúdo ético e de cidadania", anuncia Sigisfredo Luís Brenelli, coordenador do ensino de graduação da Faculdade de Ciências Médicas (FCM). Num mundo marcado pelos avanços tecnológicos, outra meta, segundo ele, é "ensinar o aluno a buscar a informação".

Acompanhado de um médico tutor, o calouro vai sair a campo já nas primeiras semanas de curso. Ele poderá participar de uma campanha de vacinação, pôr a mão na massa em atividades rotineiras de um posto de saúde da periferia ou mesmo acompanhar o tratamento de um dependente químico. Pelo currículo atual, que ainda vai acompanhar os ingressantes de 2000 até o final do curso, isso não acontece. A maior parte das aulas de primeiro e segundo anos é realizada no Instituto de Biologia (IB), bem longe da realidade que enfrentam os estudantes dos últimos anos, já integrados à rotina do Hospital das Clínicas (HC) e de outras unidades da área médica.

O profissional ideal – Mudar a grade curricular de um curso considerado de primeira linha não foi tarefa fácil. Não era possível desprezar a história e tradição da instituição, hoje em sua 38ª turma. O processo teve início em fins de 98, por ocasião de um seminário sobre ensino e currículo, quando fo-

Unicamp faz mudanças no currículo de medicina para oferecer uma formação mais humanística, com forte conteúdo ético

O currículo

Estão previstos os seguintes blocos nos dois primeiros anos, a partir de 2001:

A Célula
O Corpo Humano
Fisiologia Humana Integrada
Medicina e Saúde
Neurociências
Princípio de Farmacologia
Introdução à Patologia
Relação Parasita-hospedeiro
Práticas de Ciências
Ações de Saúde Pública/Saúde e Sociedade
Temas Longitudinais

ram estabelecidas as suas diretrizes. Em meio às discussões, projetou-se a imagem do médico ideal como aquele com formação geral, competência, técnica, ética e humanística; ele deve saber trabalhar em equipe e ter uma formação continuada; precisa mostrar espírito crítico e transformador em relação ao sistema de saúde.

Outra ponderação foi de que o currículo de medicina da Unicamp não se alterava há duas décadas e havia necessidade de adaptá-lo a novos conceitos. Bom parâmetro são os Estados Unidos, onde um grande movimento culminou com uma mudança curricular baseada em dois fatores: a necessidade de formar um médico menos técnico e mais cuidador, e a dificuldade em manter atualizado um profissional após 10 anos de formação.

Este último fator é importante, pois tem-se como certo que, nos próximos 10 anos, 75% dos conceitos biomédicos



Pinto e Silva, em frente à Maternidade: aluno de medicina quando o curso funcionava ali

Brenelli, coordenador de graduação da FCM: o calouro sairá para exercer atividades de campo já nas primeiras semanas de aula



terão se modificado, havendo desde já a exigência de uma reciclagem constante. Daí, a preocupação em ensinar o aluno a buscar a informação, pois quem não se atualizar certamente ficará alijado do mercado de trabalho.

Treinamento em serviço – A definição por módulos em lugar de disciplinas tem o objetivo de corrigir possíveis distorções e permitir a interdisciplinaridade do conhecimento. O coordenador de graduação destaca que o tema "célula", por exem-

plo, era dado em doses homeopáticas por três anos. Agora, agrupado, será esmiuçado em apenas dois meses.

Mudanças como estas são aguardadas com expectativa por outras faculdades de medicina, também ansiosas por aderir aos novos tempos. A Unicamp já foi referência há 20 anos, quando elevou o tempo de internato (treinamento em serviço) de um para dois anos (no 5º e 6º), levando o Ministério da Educação a estipular que esse período deva ser cumprido no mínimo em um ano e meio.

Quem já está no curso, lamenta

Patrícia Martins, 21 anos, deixou São Carlos no início do ano, atrás do sonho de se tornar uma cirurgiã respeitada. Ela lamenta que não possa participar das mudanças curriculares, previstas apenas para os novatos de 2001. Conta que, no primeiro semestre, apenas duas disciplinas foram ministradas na FCM. As aulas práticas limitaram-se a uma visita tutorada ao Gastrocentro e a um posto de saúde da periferia. "Eu soube das mudanças no curso quando foram aprovadas, mas não participei das discussões", afirma.

Apesar da frustração por não poder vivenciar as transformações, Raquel ainda deve se considerar uma aluna privilegiada. Frequenta um curso de medicina que está entre os cinco melhores do País e que obteve conceito "A" na avaliação de 99 do Provão. Entre os 379 professores, 87,8% possuem titulação mínima de doutor e 69,1% estão em regime de dedicação exclusiva ao ensino e pesquisa. Cerca de 10 mil candidatas disputam suas 110 vagas a cada ano, tornando-o de longe o curso mais procurado da Universidade.

Por trás de tudo existe um complexo hospitalar que atende a uma região habitada por 5 milhões de pessoas, a partir do Hospital

das Clínicas com seus 403 leitos, um hospital da mulher – o Centro de Atenção Integral à Saúde da Mulher (Caism) – com 136 leitos e 300 partos/mês, além de unidades de apoio e igualmente de referência como o Hemocentro, o Gastrocentro e o Centro de Estudos e Pesquisas em Reabilitação Gabriel Porto.

Início em dois andares – Não era bem assim há quase quatro décadas, quando foi criada uma unidade médica em Campinas. A Faculdade de Medicina começou a funcionar em 1963, num prédio em construção que depois abrigaria a Maternidade da cidade. "O curso funcionava em dois andares da maternidade e só passou para a Santa Casa quando iniciamos a fase clínica, no terceiro ano", relembra o médico João Luiz de Carvalho Pinto e Silva, atual chefe do Departamento de Tocoginecologia da FCM.

Carvalho Pinto foi um dos alunos da segunda turma de medicina, que se formou em 1969, quando a faculdade já fazia parte da Universidade Estadual de Campinas (criada em 1966). "O ambiente naquela época era de improvisação, mas de muita luta e orgulho da

escola". Ele guarda na memória as cadeiras do primeiro ano de então: anatomia, genética, histologia, estatística, psicologia médica, microbiologia e parasitologia. A FCM mudou-se para o campus de Barão Geraldo em 1985, ocupando prédios ao lado do Hospital das Clínicas. Conquistou seu espaço atual em 97, com modernas instalações e pelo menos 30 salas de aulas para os cursos de graduação e pós-graduação, laboratórios de informática e especialidades clínicas (alguns no próprio HC). São 600 alunos apenas na graduação e 37 programas de residência médica, que a cada ano são disputados por mais de 1.500 candidatos.

Os dois primeiros anos do novo currículo já estão definidos e os demais continuam em estudos, já que a implantação ainda permite aperfeiçoamentos. Brenelli lembra que a incorporação pela Unicamp do Hospital de Sumaré, uma unidade secundária, permitirá que os novos profissionais possam ser treinados em diferentes cenários da futura atividade profissional. A partir dos últimos anos, isso vai ocorrer nos grandes departamentos: clínica médica, pediatria, clínica cirúrgica, saúde pública e emergência.

A mendiga que

Conheça a história da andarilha que inspirou a criação da

ÁLVARO KASSAB

Kassab@reitoria.unicamp.br

Era um sábado quente de fevereiro de 1994, como costumam ser quentes os sábados de fevereiro. Trôpega, uma maltrapilha balbuciava palavras desconexas, sem ordenamento lógico, na entrada do Centro de Atenção Integral à Saúde da Mulher (Caism), na Unicamp. Uma hemorragia prenunciaria o diagnóstico fechado: câncer em estágio avançado no colo do útero. "Arrigue", dizia ela ao ser indagada pela recepção sobre seu nome. Sem saber, mesmo porque não havia condições de sabê-lo, Arrigue, uma andarilha, inspirou a criação da Unidade de Cuidados Paliativos do Caism, serviço que se tornou referência nacional no tratamento de pacientes sem possibilidade de cura.

Arrigue morreu meses depois, mas sua estada na Unicamp iluminou os corredores da solidariedade e da cidadania. Dois dias depois de sua chegada, uma força-tarefa multiprofissional decidiu investigar a origem daquela criatura diferente. Arrigue não tinha passado, pelo menos na forma como muitas vezes o legado nos é transmitido – linear, amorfo, esmaecido em álbuns de fotografias empilhados sobre guarda-roupas; sua ascendência tampouco registrava nome e sobrenome ou algo que aferisse autenticidade àquele conjunto de pequenas tragédias que se convencionou batizar de história de vida. Arrigue atropelava as convenções, como convém aos solitários.

Seu abrigo era um barracão, informava a assistente social lotada na prefeitura de Santo Antonio de Posse, a 35 quilômetros de Campinas. Nele, um amontoado de madeira situado nos fundos de um casario comercial desativado, conviviam com bichos de estimação, dentre eles alguns gatos e cachorros. A rotina de Arrigue era como a de qualquer mendigo, ainda de acordo com o relato da assistente social. Perambulava pelas ruas de Santo Antonio de Posse, onde alguns comerciantes lhe forneciam o kit básico da sobrevivência, sobretudo alimentos enlatados, preteridos por ela pelo pão com mortadela, gosto trazido das calçadas e mantido nos dias de internação no Caism.

O rancho de madeira veio a baixo tão logo foi firmado um acordo de trabalho conjunto entre os profissionais da unidade da Unicamp e os responsáveis pela Secretaria da Promoção Social do município vizinho. No meio dos escombros, pilhas de enlatados vencidos que escondiam cobras, ratos e insetos de toda a espécie. A demolição coincidiu com o início do resgate da cidadã Arrigue, que até então resistia a qualquer interferência na sua vida pessoal, a começar pelas tentativas feitas para interná-la num asilo.

A primeira medida das assistentes

sociais foi providenciar uma carteira de identidade. Para que o acordo começasse a ser concretizado, a paciente deixou seu leito para dirigir-se à mesma cidade na qual era vista como mais uma personagem que figurava na lista de tipos exóticos. Arrigue começava a deixar de ser Arrigue. Três dias depois, ela voltava a Campinas como A.F., uma ampense nascida em 29 de abril de 1935, descendente direta da colonização alemã na região, segundo levantamento minucioso feito pelas pessoas envolvidas em seu resgate.

O imprevisível, no caso de A.F., não ficou restrito aos livros cartoriais empoeirados. Dois fatos chamaram a atenção dos profissionais em seu retorno ao Caism. O primeiro foi a evolução do estado geral, apesar da doença que a consumia. Cercada de carinho e cuidados – ganhou roupas, um par de brincos e teve seu cabelo aparado – não demorou para que saísse da letargia em que se encontrava. Começou a se expressar com facilidade, deixando de lado a irritação por não conseguir se fazer entender. Dos hábitos dos tempos errantes, manteve apenas um: o gosto pelo pão com mortadela, levado diariamente pela equipe que a atendia. O desleixo foi substituído pelo zelo, manifestado numa atitude prosaica porém simbólica: todas as noites, antes de pegar no sono, A.F. colocava sua carteira de identidade sob o travesseiro.

O segundo episódio mexeu com todo o corpo clínico. Seu único filho, com quem ela perdera o contato havia muitos anos, foi visitá-la depois de localizado num hospital psiquiátrico onde estava internado por alcoolismo. Testemunhas revelam que o encontro atávico parou a Unidade de Cuidados Paliativos. De um lado, uma mulher até então esquecida pelo mundo das aparências – mesmo que fosse no microcosmo de uma pequena cidade; de outro, um rapaz perplexo com o reencontro inusitado. As especulações típicas de um caso como esse – a mãe teria ficado assim por causa do filho, ou vice-versa? – deram lugar à emoção.

De resto, mesma emoção registrada na despedida de A.F. do Caism. Em 9 de abril de 94, três meses após sua chegada, A.F. teve autorizada sua alta. Havia pouco a fazer: o câncer avançara e a paciente conseguira, com o esforço de voluntários, um lugar digno para passar os últimos meses de vida. A ambulância que a levaria para o Asilo São Vicente de Paula, na mesma Santo Antonio de Posse do barracão de madeira, foi cercada pelas pessoas que fizeram dela uma outra mulher. Arrigue, que virou A.F., foi enterada no dia 23 de outubro de 94 em terreno pertencente ao asilo que a acolhera, numa cerimônia acompanhada por muitas pessoas. Sobre o caixão, coroas de flores. Dentro, uma identidade.



Corredor do Caism: unidade é referência no tratamento de pacientes sem chances de cura

Do medo da perda

A assistente social Marisa Jacobuci não só inventariou como testemunhou a história de A.F. Sua trajetória profissional se confunde com a implantação da Unidade de Cuidados Paliativos e comprova que, em tempos de omissão e insensibilidade, a opção pelo fraternal tem seu preço. Chamada de "louca" por colegas de uma multinacional ao trocar as benesses da estabilidade e dos altos salários por um emprego num hospital psiquiátrico de Itapira, Marisa teve de ser inclemente com a maior de suas inquietações: o medo da morte.

Caçula de 7 irmãos, conviveu desde cedo com os fantasmas da perda. Teve de afugentá-los à força, sob pena de ter comprometido seu futuro na unidade, cuja taxa de óbitos, por conta da natureza dos casos, é a mais alta do complexo hospitalar da Unicamp. Passada essa fase, Marisa arregaçou as mangas e tornou-se a "investigadora" da equipe que cuida dos pacientes sem chance de cura. Cabe a ela coletar informações sobre o paciente, dar todo o suporte aos parentes das vítimas de câncer, e trocar informações com profissionais de outras cidades para, em seguida, repassá-las à equipe da unidade.

Marisa credita o funcionamento da unidade ao trabalho de equipe e lembra-se com detalhes de muitos casos, como o do primeiro atendido oficialmente pelo serviço, o de uma mulher



Marisa: afastando o medo da morte

que começou a ser assistida em dezembro de 94, um mês depois da implantação do trabalho. "Uma colega, a enfermeira Edinaura Pereira de Souza, envolveu-se tanto com a paciente, que passou o Natal na casa dela", revela. E é justamente esse envolvimento, na sua opinião, a razão do empenho coletivo. "Fazemos de tudo para que os doentes tenham uma partida mais tranqüila, uma morte digna". O partir de Marisa será outro: ela procura o próximo a ser ajudado.

SERVIÇO
 SERVIÇO

iluminou o Caism

Unidade de Cuidados Paliativos do Centro de Atenção à Mulher

A morte tem seus dias contados

A morte está com seus dias contados. É essa, em linhas gerais, a tese de dois médicos que participaram como palestrantes do II Seminário de Reflexões sobre a Vida e a Morte, promovido pelo Caism no dia 26 de setembro. A metáfora pode soar exagerada aos leigos, mas encaixou-se como uma luva no conteúdo programático do evento destinado aos profissionais da saúde: fugir da cantilena que cerca o tema, tratado como tabu ou ignorado nas instituições de ensino.

Para o médico psicoterapeuta João Figueiró, coordenador da área de saúde mental do Centro Multidisciplinar de Dor do Hospital das Clínicas da USP, em São Paulo, a morte é tratada superficialmente e negligenciada nas faculdades. Segundo ele, a partir da segunda metade do século 19, houve uma hipervalorização do desenvolvimento tecnológico e científico em detrimento do estudo das relações interpessoais e de suas conseqüências. Com isso, o conceito de negação da morte passou a predominar. "A morte passou a ser uma coisa hospita-

lizada, distante dos familiares. Essa negação também afetou o ensino nas escolas da área da saúde", diz.

Para Figueiró, esse estado de coisas passou a mudar, mesmo que timidamente, há duas décadas. Tardou, mas correntes de médicos começaram a desconfiar de que a ciência, sozinha, não seria capaz de resolver os dramas humanos, sobretudo aqueles vivenciados pelo paciente em estado terminal. Por isso, o médico considera fundamental que iniciativas como a do Caism e da USP, onde ele trabalha, passem a ser difundidas. "As desconspensações, que são fontes de sofrimento físico, espiritual, psicológico e existencial, devem ser focadas, identificadas e tratadas. A família também fica desamparada, sem saber como proceder", diagnostica.

O receituário de Figueiró para a implantação dos serviços de cuidados paliativos é simples: a aposta na equipe multiprofissional, que engloba profissionais de inúmeras áreas. Assim, acredita ele, a questão transcende em muito o simples diagnóstico e tratamento da



Ribeiro: despreparo começa na faculdade

doença. "O restante da vida do paciente terminal passa a ser muito melhor", constata.

Lição de anatomia – Transcendência é um termo caro ao neuropsiquiatra e psicoterapeuta Franklin Ribeiro, presidente do Comitê Multidisciplinar de Medicina Psicossomática da Associação Paulista de Medicina. Espírita, Ribeiro vai direto na ferida: para ele, o homem moderno está dessacralizado, é profano e rejeita a condição prévia da existência. Essa resistência torna-se crônica, em sua análise, quando estendida à classe médica, que se vangloria de conhecer o corpo biológico, ignorando olímpicamente a pessoa e suas mazelas. "O despreparo, muito grande, já começa na faculdade de medicina. O primeiro paciente que o estudante recebe é um cadáver, mas não há uma reflexão sobre o que aquele corpo sem alma representa".

Ribeiro fundamenta sua tese em números. Para dimensionar o tamanho do abismo que separa os médicos do vasto mundo das emoções, contabiliza o número de profissionais filiados ao Comitê de Medicina Psicossomática: exatos 273 num universo de 40 mil que atuam no Estado de São Paulo. E vai mais longe: temas relacionados a patologias são usados como isca em seminários que tenham no programa algum enfoque integrativo.

Essa aversão à abordagem interdisciplinar caminha de mãos dadas com a falta de autoconhecimento do profissional, queixa-se Ribeiro, que diz ter uma visão cósmica fomentadora dos opostos e do que ele denomina aspectos sombrios. "A morte não é apenas a morte do corpo físico; o indivíduo pode tê-la em vida", prega esse pesquisador de parapsicologia experimental associada às ciências da religião. Coloca no mesmo caldeirão Alan Kardec, Jung e o professor Ernani Guimarães Andrade, que aos 87 anos está pesquisando, no Instituto de Pesquisas Psicobiofísicas da USP, criado por ele, um novo modelo organizador biológico em bactérias.

Ribeiro coloca esse estudo como prenúncio do que ele chama de nova lei biológica. "A pesquisa sugere for-



Figueiró: morte é tratada superficialmente

temente a existência da reencarnação para explicar diversas manifestações do corpo".

Na avaliação de Ribeiro, os médicos se transformaram em reféns de laboratórios farmacêuticos e das prescrições impessoais, relegando a investigação defenônemos à esfera do charlatanismo, opção que os aliena dos verdadeiros problemas existenciais e corrompe os serviços públicos de saúde. A saída? Muita pesquisa, sobretudo aquelas que façam o indivíduo pensar. E repensar a morte.

UMA REFLEXÃO

No livro *Reflexões sobre a vida e a morte – Abordagem Interdisciplinar do paciente terminal* (Editora da Unicamp), lançado durante o II Seminário de Reflexões sobre a Vida e a Morte, os profissionais da Unidade de Cuidados Paliativos do Caism narram suas experiências e discutem o sentido de seu trabalho. Organizado pela psicóloga Vera Lúcia Rezende, apresentado pelo jornalista Luiz Sugimoto e prefaciado pelo médico Luiz Carlos Zeferino, diretor do Caism, o livro traz ainda crônicas de Rubem Alves e textos de Regis de Moraes e André Perdicaris. Abaixo, alguns trechos da obra:

"Há necessidade de resgatar o verdadeiro sentido da medicina, na qual nem sempre conseguimos a cura das doenças... Sempre, porém, devemos procurar aliviar os sofrimentos do doente"

Nancy Mineko Koseki, oncologista clínica e coordenadora da Unidade de Cuidados Paliativos

"Pensar a morte deve nos ensinar a amar a vida sem ser apegado a ela, vivendo-a em plenitude, de forma autêntica e alegre... A tanatologia... nos faz refletir no apego desmedido que se tem às pessoas, às posições e aos bens materiais. Apego que muitas vezes é confundido com amor e dedicação, mas que, na maioria das pessoas, representa ganância, ânsia de controle e dominação..."

Neusa Júlia Pansardi Pavani, doutora em medicina na área de clínica médica e coordenadora da seção de dor do Serviço de Anestesia do Caism

"As pacientes, em fase final, gostam de falar sobre o que mais amaram. Ninguém se prepara para a morte falando da morte. Há um desejo de transcendência, de semear as próprias palavras, tal como sementes, dentro de um outro que pode ouvir, mesmo sabendo que não haverá colheita"

Vera Lúcia Rezende, psicóloga na área de oncologia mamária e ginecológica e responsável pelo atendimento psicológico na Unidade de Cuidados Paliativos do Caism

a outros ganhos

Golpe - Simone Pollini Gonçalves, diretora do Serviço de Enfermagem em Oncologia, ocupa há quatro anos o cargo de enfermeira responsável pela Unidade de Cuidados Paliativos. Foi difícil, para ela, assimilar a primeira morte. Quase largou a profissão, por se achar "muito fraca" para enfrentar uma situação inédita, inimaginável nos tempos de faculdade. Golpe assimilado, constatou que hoje é privilegiada por atender, semanalmente, pelo menos 10 pacientes sem possibilidade de cura.

Diz que mais aprende do que doa. "As coisas que você escuta de doentes próximos da morte são riquíssimas. Você aprende a gostar de você, aprende a gostar da vida, do seu corpo. Não saio disso nunca mais". Simone foge da onipotência, sabe que os pacientes pressentem a finitude, que eles têm a dimensão da morte. As atitudes heróicas não dizem nada numa hora que deve ser de pequenos atos, de oferecer o bem-estar. Na lista, o último cigarro, um banho de sol, um pão de queijo, a caminhada. "Você precisa fazer com que o paciente encontre um sentido para sua vida", receita.

A tarefa nem sempre é fácil, sobretudo quando se estreitam os laços afetivos entre o profissional e a doente. Uma delas, com metástase pulmonar causada por um câncer de mama, tornou-se amiga da enfermeira, que



Simone: superando a fragilidade inicial

chegou a pernoitar na casa da paciente. Certo dia, já à beira da morte, mandou o seguinte recado para Simone: "Tenho dó de você. Apesar de tudo, você tenta, tenta, eu não melhora e mesmo assim você continua tentando". A frase mexeu com a enfermeira. "Tive que dizer a ela que não estava buscando a cura, mas sim atenuar seu sofrimento. Estava tentando ajudá-la, e ela com pena de mim...".

Simone aprendeu que o imprevisível é regra nesse tipo de atendimento. Relembra o caso de uma paciente que, um dia antes de morrer, agradeceu a atenção e pediu para ficar isolada, porque outros doentes estavam precisando, mais do que ela, da ajuda da enfermeira. Simone só podia consentir. E continuar tentando.

ALIMENTOS
 ALIMENTOS

O grande



LUIZ SUGIMOTO
 sugimoto@reitoria.unicamp.br

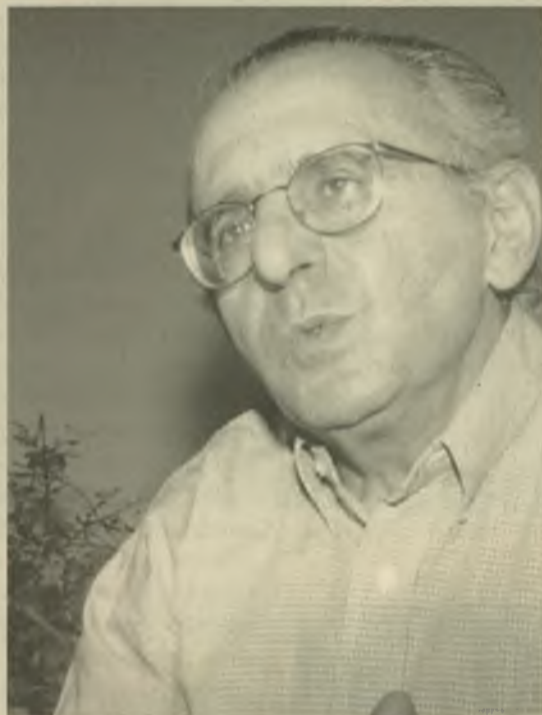
A fome é uma vergonha para a humanidade. É um flagelo, um grande genocídio. Violenta, mutila e aniquila milhões de homens, mulheres e crianças em todo o mundo, principalmente nos países subdesenvolvidos. Cerca de 500 milhões de pessoas vão dormir, todas as noites, sem ter consumido os alimentos de que necessitam para manter a saúde de seu organismo. Dez milhões de crianças de menos de 5 anos morrem anualmente de fome ou de doenças dela decorrentes. No Brasil, os menores carentes representam 36 milhões de crianças e jovens. Desse total, cerca de 7 milhões são tidos como totalmente abandonados, desnutridos, entregues à própria sorte e sem esperanças concretas de uma vida decente.

As frases acima, do livro *A fome, crise ou escândalo?*, de Melhem Adas, foram estampadas em camisetas, folhetos e cartazes da II Semana de Alimentação promovida pela Faculdade de Engenharia de Alimentos (FEA), entre 16 e 20 de outubro. A proposta do encontro: viabilizar ações humanitárias e emergenciais que extrapolem os limites da teoria e atenuem na prática o sofrimento dessas pessoas. Para colaborar, vieram palestrantes com formações diversas à engenharia de alimentos para uma reflexão sobre um dos temas mais aflitivo deste fim de século: a fome e a indiferença social.

Melhem Adas, docente aposentado em ciências sociais pela USP, prefere se apresentar como professor de geografia. Tem uma vida acadêmica dedicada a desmistificar a questão da fome, que líderes capitalistas friamente atribuem à falta de alimentos, a um “fenômeno natural”, quando é nítido tratar-se de uma divisão injusta da produção internacional, de uma conjuntura econômica defeituosa, de uma criminosa distribuição de renda. Bastante conhecido dos estudantes do ensino médio por seus livros de geografia, Adas afirma que seu público são mesmo os jovens, que devem necessariamente entrar em contato com o tema. “Para que depois, quando eles se tornarem médicos, engenheiros ou físicos, não percam o sentido das Humanidades”.

Durante hora e meia, Adas discorreu sobre a “geografia da fome”, título de um livro que se tornou referência mundial, assinado pelo médico Josué de Castro, por quem o professor é declaradamente influenciado. “Quando essa obra foi lançada, em 1946, o autor foi pressionado a substituir o termo ‘fome’ por ‘desnutrição’. Ora, fome é uma expressão biológica de doença social. Fala-se constantemente no extermínio de seis milhões de judeus, mas não se dá a mesma importância para as dez milhões de crianças, entre zero e cinco anos de idade, que morrem todo ano por falta de comida nos continentes africano e asiático e na América Latina. A fome é a prova mais

Professor Melhem Adas traça a ‘geografia da fome’, durante evento em que a FEA abriu espaço para discutir projetos de ajuda a quem não tem o que comer



Professor Melhem Adas: livros para o público jovem

contundente do fracasso da nossa civilização em escala planetária”.

Passado colonial— Melhem Adas lembrou que o mundo subdesenvolvido está sujeito à mesma divisão internacional da produção desde os tempos coloniais: a troca de produtos manufaturados dos países desenvolvidos por matérias-primas dos países subjugados. “O colonialismo desestruturou as economias locais, que tinham um sistema produtivo voltado para atender sua população interna. Impuseram a troca da agricultura de produtos alimentares por esta de produtos de exportação. Aqueles habitantes não conheciam a fome, porque repartiam os frutos entre si. Bangladesh gozava de autosuficiência em alimentos até a chegada dos colonizadores”.

Reportando-se ao Brasil, o professor ressalta que este quadro vem se acentuando através dos tempos, com as monoculturas de cana, café e agora com soja e laranja. Nos últimos 40 anos houve uma expansão enormemente desproporcional das áreas de cultivo. As áreas de soja cresceram 390%; de laranja, 150%; e de cana, 50%. Por outro lado, as áreas de arroz, feijão e milho aumentaram apenas 20%, 12% e 11%, respectivamente. O País é um dos maiores exportadores de soja, mas o consumo interno é mínimo.

O professor aponta outro agravante: “Nem todos sabem, mas 43% dos cereais exportados pelos paí-

ses subdesenvolvidos destinam-se a alimentar o gado dos desenvolvidos, são transformados em ração animal. É um mercado que movimenta US\$ 5 bilhões somente nos Estados Unidos. O gatinho de estimação deles é melhor alimentado que a criança subnutrida nossa; a proteína animal que se consome em excesso lá, falta aqui”.

Melhem Adas volta ao mapa mundi e aponta a Guatemala, que possui um dos maiores índices de abate de gado, mas apresenta uma das menores taxas de consumo de proteína animal por habitante. Cita outro país, símbolo da fome, a Etiópia: “Ali, sempre culpavam a grande seca pela existência de um povo faminto. Mas, em Sael (costa leste, faixa sul do Saara), o porto está abarrotado de fardos de algodão destinados à Europa. Obviamente, o algodão é plantado nas áreas onde se poderia colher alimentos”.

Função social da terra— Adas realçou que em qualquer país desenvolvido a função social da terra é a de produzir alimentos. Menos entre os subdesenvolvidos, como o Brasil, onde esta função nunca foi respeitada. Ele recuou até 1850, quando a chamada Lei da Terra perpetuou os quatro séculos anteriores de latifúndio, proibindo a existência de posses e determinando que toda terra pública só poderia ser adquirida em leilão. “Somente os latifundiários tinha condições de fazer os lances. O dinheiro arrecadado em leilão foi usado para financiar a imigração, alternativa encontrada para a proibição do tráfico de escravos”.

Saltando para 1962, o professor recordou os estragos provocados pelo Estatuto do Trabalhador Rural, que pretendeu levar para o campo os mesmos direitos do trabalhador urbano. O resultado foi o desemprego e uma grande migração para as cidades. “Mesmo aquele empregado rural que era alimentado, transformou-se em bóia-fria e viu-se obrigado a comprar arroz na mercearia”.

Distribuição de renda— É por conhecer tanto a história, que Melhem Adas é contundente ao rebater a argumentação de que o mundo não consegue produzir alimentos para todos os seus habitantes. “Os dados da própria ONU asseguram que a produção pode atender plenamente às necessidades diárias de 3.000 calorias e 65 gramas de proteínas para cada indivíduo. O que existe é uma estrutura agrária extremamente injusta”.

O professor oferece alguns números dessa estrutura fundiária no Brasil: 51% dos proprietários do campo detêm somente 2,3% dos estabelecimentos rurais; em contrapartida, 1% dos proprietários são donos de 50% dos estabelecimentos; e 50% dos latifúndios estão improdutivo, servindo como “reserva de valor”, guardados para herança ou à espera do melhor preço.

Hoje, com o capitalismo financeiro, os países periféricos deparam-se com uma distribuição de renda ainda mais inconcebível. De acordo com o IPEA, 11% da população economicamente ativa no Brasil têm renda inferior ou igual a meio salário mínimo; 19% recebem entre meio e um salário mínimo. “Isso significa que 30% dos brasileiros vivem não na pobreza, mas na miséria, na indigência, sem dinheiro para comer”.

Cerca de 200 empresas transnacionais, informa Melhem Adas, possuem um faturamento quase igual ao PIB do mundo subdesenvolvido. Com a globalização, esse poder só tende a aumentar. Para alterar a ordem mundial, ele vê como única alternativa a politização da população e uma mobilização que venha de baixo para cima. “Não quero discutir seus métodos, mas quando pedem minha opinião sobre o MST, digo que é um movimento mais do que legítimo. Estamos esperando pela reforma agrária há 500 anos. O Brasil não precisa de ‘reis’ da soja e da laranja. Precisa da unidade familiar de produção”.

ALIMENTOS
 ALIMENTOS

flagelo



À esquerda, o empresário Rodolfo, que decidiu distribuir seus lucros. Crianças do Bate Lata, à direita, que vivem perto da realidade da fome



A FEA no primeiro S.O.S. Fome

É tempo de solidariedade e fraternidade, uma era afetiva. Com este argumento, a professora Maria Isabel Rodrigues, do Departamento de Engenharia da FEA, tem convidado seus alunos a participar de projetos de combate à fome, particularmente da Associação dos Amigos da Criança (Amic), da qual é voluntária.

Mesmo que o envolvimento não seja físico - vários professores, funcionários e estudantes da faculdade já participam regularmente da venda de rifas e pizzas para ajudar a Amic ou da distribuição de cestas de Natal -, a professora utiliza-se de fotos e vídeos para aproximar os estudantes de uma realidade que lhes parece muito distante e, no entanto, está ao lado, a 30 minutos da Unicamp. A 2ª Semana de Alimentação, que ela coordenou, ficou inserido na campanha "S.O.S. Fome", da Amic, e visou contribuir para formar, mais que um bom profissional, um cidadão solidário.

A faculdade, na verdade, já tem alunos envolvidos com a questão da fome; é um grupo ainda pequeno, mas atuante. Foram praticamente pioneiros no "trote social", em 97, levando calouros às ruas para coletar alimentos e ganharam um prêmio nacional por isso. Em 98 criaram o Projeto Social FEA, que atua em várias frentes, como no ISA (Instituto de Solidariedade para Programas de Alimentação), uma instituição não-governamental coordenada por professores da unidade e que conta com esses jovens para atestar a qualidade, separar e distribuir para famílias carentes as frutas, legumes e verduras doados por comerciantes da Ceasa. São produtos em ponto de maturação, que não podem ser comercializados no dia seguinte. O ISA coleta 5 toneladas anuais de alimentos, beneficiando 1.700 famílias e 158 entidades assistenciais de Campinas e região.

O ISA Qualidade é um segmento que acompanha "o caminho do alimento" da armazenagem até sua chegada nas entidades assistidas, a fim de detectar causas de deterioração. Outra equipe de estudantes acaba de dar um curso piloto sobre higienização e aproveitamento de nutrientes para 30 cozinheiras. Para comemorar o término das aulas, promoveram um almoço comunitário com bolis-

inhos de talos de couve-flor como entrada e doce de casca de melancia como sobremesa.

Os alunos do Projeto Social estão em vias de implantar uma cozinha semiprofissionalizante no Parque Oziel, grande área de ocupação na cidade, onde funcionará uma padaria e um restaurante. Pela planta, o local terá capacidade para treinar 30 pessoas na produção de alimentos, além de servir refeições.

Bom samaritano - A pós-graduanda Ana Luiza Mattos Braga está convidando colegas para ajudar a elaborar e encaminhar à Assembléia Legislativa projetos de lei que incentivem as doações de alimentos desperdiçados por parte dos estabelecimentos comerciais. O projeto de lei denominado "Estatuto do Bom Samaritano", parcialmente rejeitado no Congresso Nacional, oferece garantias para que hipermercados e restaurantes façam doações em bom estado de conservação.

Atualmente, um pote de iogurte, a dois dias do vencimento do prazo de validade, é jogado no lixo porque o cliente atento não irá comprá-lo. Em restaurantes industriais e comerciais, as sobras limpas, em perfeito estado de conservação, também vão para o lixo ao final do horário de refeição. Em lojas de *fast food* um sanduíche é descartado depois de 15 minutos na prateleira.

"Um amigo meu, dono de supermercado, chorou quando teve que jogar fora centenas de achocolatados", conta a professora Maria Isabel. O comerciante não doa esses alimentos para os carentes por um motivo principal: se o transporte for inadequado, se o produto não for bem conservado e a pessoa que consumi-lo passar mal, o estabelecimento será responsabilizado.

Ao mesmo tempo em que batalha pela aprovação da lei, Ana Luiza realiza pesquisas em restaurantes e supermercados para avaliar o volume de alimentos que estão em boas condições mas acabam desperdiçados e formas seguras de transporte desses produtos que poderiam ser doados. Ana graduou-se pela FEA no ano passado. Hoje é engenheira de alimentos e encaixa-se no perfil de uma cidadã solidária.

Empresa prospera na economia da comunhão

Economia da comunhão é a denominação dada à partilha dos lucros de uma empresa em três terços: parte para aplicações na própria empresa, outra em benefício dos funcionários e outra destinada aos pobres. Difundida no Brasil a partir da Comunidade de Mariápolis, hoje a economia da comunhão é adotada por aproximadamente 80 empresas no País. No mundo, já são oitocentas, contemplando perto de 7.000 famílias. A gestão dos recursos para a população carente é centralizada, com cadastramento e renovação periódica das famílias, que recebem não apenas alimentos, mas também tratamento médico, dentário, cursos de aprimoramento e outros tipos de assistência.

Rodolfo Leibholz é um engenheiro mecânico formado pela Unicamp em 1972. Em 85, juntamente com seu irmão, também engenheiro, abriu a Femaq - Fundação, Engenharia e Máquinas, sediada em Piracicaba. Passados seis anos, depois de um começo difícil, a empresa já tinha alcançado a estabilidade financeira fornecendo material fundido para os grandes da indústria automobilística e hoje também exporta para Estados Unidos, Alemanha, Argentina e África do Sul.

"Mesmo na época, em 91, teríamos condições de, vendendo a empresa, parar de trabalhar. Creio que seja o sonho de qualquer empresário, o ápice do capitalismo: poder parar de trabalhar", recorda Rodolfo. Mas foi justamente naquele ano que os dois engenheiros decidiram adotar na Femaq a economia da comunhão. "Não sentíamos necessidade de ficar cada vez mais ricos. Decidimos continuar gerando riqueza com os meios produtivos, mas distribuí-la, colocando o homem e o amor acima de tudo".

Era uma revolução em termos empresariais e os irmãos tinham noção de que estavam colocando em risco o próprio negócio. Mas valeu a pena conferir "se o amor vence a tudo". A produção, que era de 30 toneladas homem/ano em 1985, passou para 70t em 95 e saltou para 90t em 2000. Como comparação, a média do setor é de 35 toneladas homem/ano no Brasil, 66t nos Estados Unidos e de 65t no Japão.

Atualmente, os 70 funcionários da empresa produzem seis mil toneladas por ano, proporcionando um faturamento anual de R\$ 15 milhões. Em 99, a Femaq recebeu o prêmio Fundação Getúlio Vargas por sua filosofia de trabalho. "Ganhamos em produtividade a ponto de poder competir no mercado externo", afirma Rodolfo. "O funcionário mostra muito mais motivação não apenas pelos ganhos pessoais em salário, condições de trabalho e oportunidade de aprimoramento, mas também por ver que pessoas pobres estão sendo beneficiadas com a sua produção".

Desde 91, seis novas empresas do chamado pólo industrial de Mariápolis nasceram já sob a nova cultura. E Rodolfo Leibholz anuncia que está se associando a duas empresas, uma brasileira e outra francesa, para montar unidades de reciclagem de plásticos, seguindo a economia da comunhão. "Será nossa primeira multinacional", festeja.

Órfã motiva criação de rede de amigos

Uma criança passou mal na sala de aula. A professora levou S.D. para a própria casa e descobriu que ela teve o pai assassinado, o que deixou a mãe e a família em situação de dor extrema. Diante da acolhida fraternal, S.D. sentiu-se livre para pedir ajuda e a professora doou-lhe uma cesta de alimentos. No seguinte, S.D. trouxe outra criança, uma vizinha, igualmente carente. Depois, outra... Sem recursos, a professora pediu a colaboração de amigos. Formou-se, então, uma rede de amigos.

A professora é Eliana Luiz dos Santos, que hoje preside a Associação dos Amigos da Criança - Amic, criada em 1990. Passados dez anos, a Amic tem 7.000 famílias cadastradas e distribui mensalmente 4.500 cestas de alimentos. A Associação mantém um educandário com 160 crianças, cinco ranchos na periferia para distribuição de sopas e uma casa terapêutica que oferece assistência psicológica a menores com distúrbios acentuados. Oferece ainda um trabalho semanal para 100 idosos, envia para gestantes e está viabilizando um projeto voltado a pessoas que chegaram ao limiar da vida (suicídio, homicídio etc.) e que inclui a distribuição de pequenas construções visando a reestruturação de suas famílias. A entidade atende a 120 bairros.

A 2ª Semana de Alimentação da Unicamp incluiu um show beneficente com renda revertida para a Amic. "É a união da razão, do conhecimento, dos doutores com a sociedade", agradeceu Eliana, acrescentando que a contribuição dos artistas e a iniciativa da FEA em debater a questão da fome mostram que "a cultura e o saber não estão indiferentes e distantes dos excluídos".

O show contou com a Banda Bate Lata, o cantor Jair Rodrigues, o Ballet Lina Penteado e com a cantora lírica Ana Ariel, filha de Eliana. Todos abriram mão de cachê. A Banda Bate Lata é formada por 22 crianças e adolescentes que viviam em situação de risco e que aprenderam a tirar ritmo de latões e painéis. "Essas crianças sentem a responsabilidade de se envolver na luta contra a fome porque vivem de perto o problema", afirmou o coordenador do grupo, Alexandre Randi. A banda trocou seu cachê por um curso de conservação de alimentos que os alunos da FEA darão às mães dos próprios integrantes.

*Acusada de
'desnaturada', ela
muitas vezes é a
primeira abandonada.
E, depois de doar
o bebê, some
tristemente de cena*

Mãe que abandona o filho: quem é esta mulher?



Ilustração: Félix

ASSISTÊNCIA
 ASSISTÊNCIA

CARLOS LEMES PEREIRA

carlao@diariodopovo.com.br

Antes de falarmos em criança abandonada, temos que nos ater à realidade de que primeiro há uma mulher abandonada. E que, após doar o filho, desaparece tristemente do cenário". É com esse argumento que a supervisora do Serviço de Assistência Social do Caism (Centro de Atenção Integral à Saúde da Mulher), Yolanda Freston, busca demolir a imagem simplista da "mãe desnaturada" e propõe uma abordagem científica e mais conseqüente sobre o drama das mães biológicas que chegam ao extremo de doar seus filhos recém-nascidos imediatamente após o parto. Yolanda foi uma das expositoras do 1º Simpósio sobre Atenção Integral à Criança e à Família.

A mesa redonda integrou a 3ª Jornada Interdisciplinar de Adoção, ocorrida nos últimos dias 20 e 21 de outubro, no Externato São João, em Campinas. Resultado de uma parceria entre o Serviço Social do Caism/Unicamp, o CEICriFA (Centro de Estudos Interdisciplinares e de Atenção à Criança e à Família) e a equipe técnica da Vara de Infância e Juventude de Campinas, o evento destina-se tradicionalmente a profissionais e estudantes de Psicologia, Serviço Social, Direito e áreas afins.

Pós-graduada em Estudos Multidisciplinares por Oxford, Yolanda embasou sua intervenção durante o simpósio numa pesquisa que desenvolveu com um grupo de 65 pacientes do Caism, merecedora de publicação no estudo *Abandono e Adoção*, da Associação Terra dos Homens, organização não-governamental originada na Suíça. Mas, acima de tudo, a pesquisadora faz questão de ressaltar: "O que realmente me confere segurança é a experiência de 14 anos que obtive no acompanhamento de casos específicos de doações de crianças no âmbito de uma maternidade. Ou seja, vivenciei desde o primeiro, quando ainda da inauguração do Caism, em 1986, até os que se verificaram ao longo dos cinco anos seguintes".

Uma rotina que a tornou espectadora de um desfile de situações que, para ela, compõem "o típico histórico de abandono" dessa parcela de gestantes em Campinas e região. "A maioria das mulheres que nos comunica a intenção de doar o filho logo após o nascimento alega falta

de condições econômicas para sustentá-lo. Mas três entre quatro delas acabam revelando que esse fator preponderante está vinculado a outros contextos, como o seu próprio abandono pelo parceiro, que é o pai da criança, ou falta de respaldo familiar" (veja quadro). "Sem contar que essas mulheres também são abandonadas no plano institucional, pela falta de respaldo dos órgãos públicos e de programas da iniciativa privada", agrava a assistente social.

A pesquisa de Yolanda traz um dado que deita por terra o mito de que essas mulheres seriam totalmente desprovidas de preocupação com o filho que carregam na barriga: de 53 casos analisados, em somente 9% houve tentativa de aborto. "E, mesmo decididas a doar o filho já desde o início da gravidez, mais da metade das pacientes chega a cumprir quatro consultas pré-natal, o que equivale a 50% do número de acompanhamentos recomendados. Quer dizer: elas se preocupam com o filho, sim", afirma Yolanda.

Nova cultura de adoção – O perfil sócio-econômico traçado no levantamento ajuda a configurar o "histórico de abandono". Geralmente, tratam-se de mulheres solteiras, com idade superior a 20 anos, migrantes das regiões mais carentes do país, possuidoras de educação primária incompleta, trabalhando eventual e informalmente como empregadas domésticas, sem contar com outras fontes de sustento.

As circunstâncias da gravidez da maioria das mulheres que doa os filhos logo após o parto também são drásticas: metade ocorre numa relação eventual; 20% na fase do namoro; 7% em casos de estupro; o mesmo percentual dentro de relações conjugais não legalizadas; 6% em episódios de incesto e só 4% em casamentos convencionais (curiosamente empatando com o índice de gravidez registrado em relações extraconjugais).

"O abandono é tão acentuado, que elas costumam chegar aqui sozinhas, muitas vezes escondidas das famílias" – acrescenta Yolanda – "Isso, quando as possuem; pelo fator migração, costumam ir perdendo os vínculos pelo caminho, morando com uma tia num lugar, com um parente mais distante em outro lugar e, finalmente, acabam sem ninguém".

A pesquisadora alerta ainda que a classificação "solteira" usada no trabalho se prende aos aspectos legais do estado civil, não implicando

que inexistam outros "arranjos conjugais" qualquer. Aspecto que, ressalva ela, não favorece as mulheres, no mais das vezes. "São relacionamentos estruturados segundo a ótica machista. A partir do momento que elas comunicam a gravidez aos parceiros, já colhem reações do tipo 'esse filho não é meu', 'se vira!'. Aí, temos caracterizada a ausência paterna, que embora jogue um peso decisivo na doação da criança, nunca transparece, recaindo tudo nas costas da mulher", explica Yolanda.

E quando usa o termo "tudo", a assistente social não exagera: "É ela que engravida, pare, entrega o filho e, depois, simplesmente some do cenário". Essa trajetória miserável, de "abandonada à anônima", precisa ser eliminada, defende Yolanda: "Não existe amparo social, psicológico, nem jurídico para ajudar essas mulheres a trabalhar a perda. Necessitamos de mais fóruns de debates para discutir o assunto na abrangência do trinômio mãe biológica/bebê/pais adotivos. As mães biológicas precisam ter a garantia de que seus filhos estejam seguros, amados e protegidos. Não é justo excluí-las, pois elas também devem fazer parte do nosso acompanhamento técnico, mesmo depois da entrega do filho. Precisamos desenvolver uma cultura de adoção que envolva efetivamente todos os protagonistas".



Yolanda: derrubando o mito da 'mãe desnaturada'

O eterno parto da memória

Sobrevivendo como prostituta no Jardim Itatinga, em Campinas, praticamente desde que saiu da adolescência, Luciene (*nome fictício*), atualmente com 28 anos, é um exemplo dessas mulheres que "se volatizam" a partir do momento que, ainda mal feitas do parto, entregam o bebê para

o sistema judicial de adoção. "Eu até sei mais ou menos que foi um casal de uma cidade vizinha que 'pegou ele pra criar'. Só que isso já tem quase dez anos e eu é que não tenho coragem de aparecer por lá e ir falando: 'Olha, menino, eu sou tua mãe de verdade'. Errei em engravidar, acho que errei também em doar e, agora, não quero errar em bagunçar a vida dele. Quero mais é que ele seja feliz, longe da marginalidade", declara.

No entanto, por mais contundente que seja o relato de Luciene e por mais que se enquadre no "achismo" de base puramente moral, a prostituição está longe de ser um fator altamente determinante para que mães biológicas abram mão de seus filhos. Em 56 casos pesquisados por Yolanda, as mulheres prostituídas figuram com apenas 4%. O desemprego – ou a precária sobrevivência no mercado informal – é o grande vilão, respondendo por 30% dos casos.

"A prostituta, na verdade, tende a ficar com os filhos, porque geralmente ela vive num ambiente que consegue substituir o lar tradicional. Há sempre a presença da dona do bordel, das companheiras, que fazem as vezes de "tias"; enfim, um núcleo social que lhe propicia esse direito", explica a pesquisadora.

Apesar da profundidade da pesquisa, a supervisora de Serviço Social do Caism insiste em frisar que o que tece seriam "tímidas considerações a respeito". Mas, rendendo-se à realidade de que se sente "porta-voz dessas mulheres", acaba sentenciando: "A situação é tão traumática, que elas têm dificuldades em distinguir a dor física do parto da dor da alma".

Essa percepção leva Yolanda a criticar uma deficiência estrutural das maternidades: "Apesar da rápida desvinculação entre elas e os bebês, enquanto estes vão para os berçários, iniciando sua disponibilidade para a adoção, essas pacientes vão compartilhar enfermarias com mães em situações bem diferenciadas: aquelas que tiveram gravidez de risco, porém desejada. Isso só acentua a carga de culpa de quem doou".

A recente participação no simpósio não parece ter sinalizado para a assistente social o esgotamento do objeto de sua pesquisa. Ela deixa transparecer aquele "comichão científico" indicativo de que poderão vir mais estudos pela frente. "Embora não possa ainda determinar com precisão, sinto que o número de doações regulares via maternidade sofreu uma queda nos últimos tempos. E não creio que isso seja exatamente um bom sintoma; meu *feeling* me diz que o que pode estar acontecendo é um avanço das doações "por baixo do pano", feitas após a alta da paciente, motivadas pela fuga à burocracia do esquema. Afinal, a situação sócio-econômica do País não mudou tanto assim, não?", questiona Yolanda.

Quando as dores se misturam

A questão do aumento

Este artigo aborda dois aspectos interligados do ensino da graduação: o ensino que oferecemos e a quantos oferecemos. As considerações feitas aqui são fruto de numerosas e exaustivas discussões de um grupo de professores que, preocupados com o futuro da Unicamp e do País, vem se reunindo regularmente desde março de 1999. Este texto não tem a pretensão de esgotar o tema e, muito menos, de apresentar alguma receita mágica. Nossa intenção é a de promover um grande debate com a comunidade universitária, e a sociedade em geral, sobre os desafios que se colocam ao ensino superior público no Estado de São Paulo e as possíveis vias de solução

*Idéias
 para uma
 reestruturação
 do ensino
 de graduação*

FÓRUM DE REFLEXÃO UNIVERSITÁRIA

Não há como negar que o número de estudantes nos cursos de graduação das universidades públicas paulistas é muito baixo. No Estado de São Paulo, apenas cerca de 15% dos jovens entre 18 e 24 anos freqüentam instituições de ensino superior, o que representa aproximadamente 680 mil estudantes (matrículas de 1998). Destes, só 123 mil estudam em instituições públicas paulistas (federais, estaduais e municipais). A Unicamp tem atualmente em torno de 11 mil alunos de graduação e 11 mil de pós-graduação para um total de 1.850 professores. Nas duas outras universidades estaduais paulistas a relação entre o número de alunos e docentes é parecida. Com base nestes números, não seria extravagante que políticos, formadores de opinião e público em geral concluíssem que, pelo menos neste aspecto, os objetivos da universidade pública não estão sendo atingidos.

Neste contexto, o objetivo de aumentar significativamente, digamos quadruplicar, o número de estudantes de graduação seria razoável, e até modesto. É muito provável que existam inúmeros jovens, sobretudo nas classes menos favorecidas, com talento e disposição para realizar estudos de nível superior mas que, atualmente, são barrados pelo sistema de ingresso. A questão que se coloca, então, é se seria possível viabilizar um aumento do número de vagas em tais proporções.

Atualmente as universidades paulistas gastam em torno de 10% do ICMS líquido do governo do Estado, essencialmente para pagamento de pessoal. Mantendo o sistema atual, quadruplicar o número de estudantes significaria quadruplicar o número de docentes e funcionários, além das instalações e laboratórios, o que significaria quadruplicar este percentual. Obviamente, nada parecido com isso seria viável. Outra possibilidade seria quadruplicar a carga didática de todos os docentes. A atual Lei de Diretrizes e Bases exige um mínimo de 8 horas-aula por semana para cada docente, número já quase atingido na Unicamp, onde a carga didática média é de 5,3 horas por semana. Ainda que haja espaço para um pequeno aumento da carga didática, a multiplicação por quatro do número de alunos elevaria a carga didática para 21 horas-aula por semana por professor. É evidente que isso inviabilizaria totalmente a pesquisa dentro de nossas universidades. Mesmo aumentos menos significativos de carga horária para os docentes colocariam as atividades de pesquisa e extensão em sério risco.

Parece, portanto, que nos deparamos com um problema sem solução. A Universidade pública não pode deixar de fazer pesquisa. Mais ainda, não pode deixar de incrementar sua capacidade de pesquisa, dados os desafios do mundo contemporâneo. Cabe aqui uma reflexão sobre a importância da pesquisa no contexto brasileiro. É evidente que a pergunta "que tipo de pesquisa?" merece ser amplamente debatida. Contudo, independentemente da resposta, não há dúvidas de que a pesquisa deve ser de qualidade. Ela pode ter maior ou menor utilidade imediata, do ponto de vista social, mas pesquisa sem qualidade é sempre inútil. A pesquisa será essencial para enfrentarmos os problemas que o século XXI nos apresenta em todos os campos. Mesmo na área de saúde, onde uma grande parte dos problemas atuais da população brasileira se resolveriam com saneamento, alimentação e bom senso, o novo século nos desafia com os "novos dramas" das doenças emergentes, dos germes oportunistas resistentes a fármacos, das doenças degenerativas da crescente população idosa e das múltiplas implicações da terapia gênica. Seria suicídio o país se auto-condenar a uma posição de cliente ignorante em relação à nova ciência

e tecnologia, pois clientes ignorantes pagam mais caro, compram mal e são mal atendidos. A situação é ainda mais premente no campo das ciências humanas. Os tremendos problemas sociais que enfrentamos requerem não apenas vontade política e mudanças econômicas, mas também compreensão das circunstâncias e dos fatores do atraso. Olhar a realidade de maneira objetiva e científica não é uma condição suficiente para a resolução dos problemas mas é, certamente, uma condição necessária. Pseudo-soluções simplistas apenas perpetuam a frustração e o desânimo.

Procuraremos demonstrar que a quadruplicação do número de vagas é necessária, viável, útil e não-onerosa. Deve-se enfatizar que ela não se contrapõe às necessidades de manutenção e do incremento da pesquisa. Pelo contrário, um aumento da população estudantil, num ambiente mais desafiador, poderia contribuir para a multiplicação de novos (e menos conformistas) talentos, sobretudo se eles provêm de famílias com menor poder econômico, onde a busca da ascensão social através do aumento da escolaridade deve se manifestar mais fortemente. Não se propõe aqui um aumento do orçamento, mas se ele ocorresse seria bem-vindo e simplesmente elevaria nosso objetivo em termos de multiplicação de vagas. Também não se propõe aumentar a carga didática dos professores. O que propomos aqui talvez seja muito mais difícil, pois implica uma mudança de atitudes e de estruturas. Uma mudança cultural é sempre mais difícil de se operar.

Inchaço de disciplinas – Todos os cursos de graduação estão inchados de disciplinas desnecessárias. Um estudante de Física ou de Matemática, por exemplo, começa sua vida universitária com um semestre de seis disciplinas. Duas delas (digamos, Cálculo I e Física I) seriam suficientes para preencher a atividade intelectual de um estudante durante 8 horas por dia, com reflexão, atividades participativas e consolidação de estruturas mentais de aprendizagem. Todavia, existem 4 disciplinas adicionais que, longe de complementar a aprendizagem do fundamental, apenas inundam o estudante com conteúdos marginais, mais ou menos cobrados em infinitas provas, "provinhas" e relatórios. Isto não significa que "as outras 4 disciplinas" deveriam ser sumariamente eliminadas, mas sim que as duas disciplinas fundamentais deveriam ser modificadas para incorporar o básico "das outras 4" com eliminação radical, isso sim, do que é marginal. A dificuldade para fazer isto é enorme, pois todo professor universitário tem tendência a pensar que o fundamental é aquilo que ele ensina e sabe, e o marginal aquilo que ensinam os outros, o que explica porque as modificações curriculares freqüentemente acrescentam disciplinas e raramente as eliminam.

Os professores universitários sabem das conseqüências do inchaço de disciplinas, sobretudo nos primeiros semestres. Quantos dos estudantes aprendem o essencial e o marginal, independentemente de terem sido aprovados ou não? Este fenômeno se percebe nos próprios currículos das diferentes carreiras. Os mesmos conteúdos são muitas vezes repetidos em duas, três ou até quatro disciplinas, com a vã esperança de que alguma vez sejam incorporados pela maioria. O fenômeno se estende por vezes até a pós-graduação, onde muitos conteúdos básicos são novamente repetidos.

Todos sabemos, entretanto, que a aprendizagem não decorre da contemplação passiva de inúmeros professores "dando aula". Isto é apenas uma etapa da aprendizagem, necessária para alguns e quase dispensável para outros, mas de maneira nenhuma considerada a fundamental. O que verdadeiramente sustenta a aprendizagem é a prática do estudan-

OS PROFESSORES PART



Anibal Vercesi, da Faculdade de Ciências Médicas



Ivan Chambouleyron, do Instituto de Física e da Pró-Reitoria de Pesquisa



Oswaldo Luiz Alves, do Instituto de Química



José Mario Martínez, do Instituto de Matemática, Estatística e Ciência da Computação

te indagando, refletindo, resolvendo problemas e batalhando com suas próprias armas diante dos novos conteúdos. Mas, para isso, ele precisa de tempo, além de um sistema de cobrança sério, que suponha que a batalha da reflexão foi travada e que seus frutos devam ser visíveis.

A "aula teórica" não deve ser dispensada, embora não precise ser de presença obrigatória. Seu objetivo é o contato do professor com os estudantes. O professor ainda é a melhor forma de audiovisual. Daí o relativo fracasso dos métodos eletrônicos de ensino à distância, sempre anunciados com alarde ao advento de cada novo meio de comunicação, desde os antigos cursos por correspondência, passando pelo rádio na década de trinta e pela televisão na de cinquenta, até a ubíqua Internet nos dias de hoje. Mas a proliferação de aulas teóricas (24 horas por semana para os ingressantes em Física

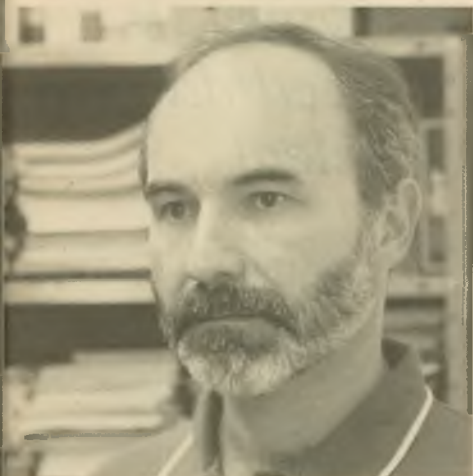
ARTIGO
 ARTIGO

de vagas da Unicamp

PARTICIPANTES DO FÓRUM



Daniel Joseph Hogan, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas



José Roberto de França Arruda, da Faculdade de Engenharia Mecânica e da Pró-Reitoria de Pesquisa



Paulo Arruda, do Instituto de Biologia



Rodolfo Hoffmann, do Instituto de Economia

cação para essa atividade do que para as aulas “teóricas”. Entretanto, os instrutores deveriam ser, em sua maioria, estudantes de pós-graduação devidamente orientados pelos professores nestas tarefas. Não se trata aqui de uma questão de senioridade, mas de vocação.

O envolvimento dos estudantes de pós-graduação nas atividades de ensino mais básico é importante por diversas razões. Nenhuma delas refere-se à carência de professores, ou ao aviltamento da força de trabalho. Se houver mais professores, teremos mais instrutores-estudantes e admitiremos mais estudantes nos cursos básicos. Os estudantes de pós-graduação precisam ser instrutores dos cursos básicos, em primeiro lugar, como parte da sua própria aprendizagem. Em segundo lugar, como elemento útil na aprendizagem dos alunos, para realizar a ponte entre estes e o professor. Em terceiro lugar, para alimentar o professor com as dúvidas e dificuldades dos alunos.

Multiplique-se este esquema por todos os semestres de uma graduação, incorporem-se as particularidades dos diversos cursos (atividades assistenciais, laboratórios, etc.) e chegaremos à conclusão de que é possível atender quatro vezes o número de alunos que atendemos hoje, multiplicando por quatro a eficiência, sem aumentar o número de horas-aula por docente.

O homem e o cidadão – A superabundância de disciplinas nos cursos de graduação tem sido alimentada pelo amor dos professores pelas próprias áreas, pelo conservadorismo, por uma certa dose de desconhecimento (é preciso um profundo conhecimento do assunto para saber o que é essencial e o que pode ser descartado) e por previsões fantásticas sobre futuros mercados de trabalho. Não sabemos o que acontecerá no “mercado de trabalho” daqui a dez anos, mas fingimos saber com todo detalhe o que nossos alunos precisam estudar para se adaptarem ao mesmo. Como consequência, os estudantes são afunilados nas suas especialidades desde o começo, a mudança de área é dificultada e a interdisciplinaridade não passa de uma bela declaração de intenções.

Formamos físicos e engenheiros que interromperam no colégio o estudo sistemático da filosofia, da literatura e da sociedade, alijando-os de uma participação ativa, informada e crítica no desenvolvimento futuro do país. Da mesma maneira, formamos sociólogos, historiadores, economistas e humanistas que interromperam no colégio o estudo sistemático dos rumos da ciência e da tecnologia, alijando-os de um debate fundamental sobre os rumos da sociedade contemporânea. Promovemos o desenvolvimento de somente algumas dimensões do indivíduo, visando o mercado de trabalho, abdicando do nosso papel na formação do homem e do cidadão. Precisamente durante aqueles anos em que o indivíduo deveria *se formar* e, para isso, dedicar-se à leitura e ao debate das idéias, quando está mais disposto, disponível e apto para formar uma visão integrada do seu mundo, nós o canalizamos nos corredores estreitos do currículo mínimo. Em nome dos ganhos da especialização, privamos os nossos alunos das ferramentas imprescindíveis para o exercício de sua individualidade e de sua cidadania.

Os novos currículos, depurados da enorme quantidade de conteúdos marginais que agora os ornamenta, reduzidos nas suas aulas teóricas a não mais de 8 horas semanais e complementados com atividades participativas em todas as disciplinas, deveriam incluir janelas para as demais grandes áreas do conhecimento, como condição *sine qua non* para a formação de verdadeiros universitários. Sob a forma de seminários ou aulas não convencionais, estudantes de ciências exatas deveriam ter a oportunidade de complementar sua formação com conteúdos de ciências humanas e biológicas, e vice-versa. Também isto não deveria onerar a Universidade nem implicar novas contratações. Nada impede que nessa “formação cruzada” a participação de estudantes de pós-graduação seja decisiva. De novo, isto seria muito útil para a formação de tais estudantes.

A ínfima quantidade de alunos que hoje são admitidos nas universidades faz com que vejamos a chamada “evasão” com olhos alarmados. Admitimos poucos e ainda, em muitos cursos, não conseguimos “segurá-los”. Isso nos faz sentir que estamos desperdiçando recursos, pois, nesta visão insumo-produto do ensino universitário, aluno que não se forma é dinheiro público jogado fora. As ações executadas hoje para diminuir a evasão são insuficientes e somente parcialmente eficazes. No novo sistema, a evasão continuaria existindo, pois é inevitável que o estudante deixe de estudar no momento em que sua vocação ou talento se revelem insuficientes para

continuar. Mas a evasão deixaria de ser um drama, pois a abundância de alunos permitiria que muitos galgassem ao menos alguns degraus de cultura fundamental e universalista, o que já seria uma contribuição importante para a elevação geral do nível educacional da população. O choque da não obtenção do título final poderia ser amenizado com a introdução de diplomas intermediários. Acreditamos que o sistema de “cursos sequenciais” da nova LDB poderá facilitar a implementação de mudanças neste sentido.

Entrada universal – Ao adotar, há três décadas, o “modelo norte-americano” de créditos, cursos semestrais, etc., a universidade brasileira deixou de absorver alguns dos mecanismos que flexibilizam aquele modelo, tais como a entrada universal sem definição prévia de curso, o curso “básico” (que já foi parte do “modelo Unicamp,” mas se perdeu ao longo dos anos) e a possibilidade de migração de um curso para outro sem a repetição da *via crucis* do vestibular. Esse modelo foi implantado no mesmo período da criação dos cursos de pós-graduação. O resultado é que hoje, quando estes estão consolidados, o peso dos cursos de graduação como momento de formação disciplinar é naturalmente diminuído. Ninguém é sociólogo ou químico só com o título de graduação. A graduação em sociologia ou química qualifica para muitas atividades, mas *fazer sociologia* ou *fazer química*, como entendemos hoje, exige pós-graduação.

Parece consensual que chegamos a uma época em que a educação tem que ser um processo permanente, ao longo de toda a vida. A informação que se recebe na Universidade estará desatualizada em pouco tempo. O essencial então é “formar” a pessoa para pensar, questionar, identificar lacunas e necessidades para poder se adaptar. Então, voltamos à idéia de formação mais “universal.”

Do ponto de vista das políticas imediatas, que ainda não envolvam mudanças drásticas, aquelas que apontam na direção das mudanças propostas deveriam ser apoiadas e estimuladas. Como exemplo, podem-se citar a eliminação de disciplinas e substituição das mesmas por aumento da carga horária de outras (computando aqui as horas de atividades participativas), o favorecimento de sistemas que permitam a escolha tardia da área de especialização (hoje apenas Física e Matemática permitem um ingresso desse tipo), a substituição de disciplinas obrigatórias de conteúdo marginal para a formação do estudante por disciplinas opcionais, com estímulo para que estas se realizem em outras grandes áreas do conhecimento, a inclusão dos estudantes de pós-graduação em atividades participativas, a definição de títulos intermediários de acordo com a quantidade de créditos cursados e a atribuição de créditos aos programas de Iniciação Científica.

É possível que nada venha a acontecer se não houver pressão social para que aconteça, pois a capacidade de mudança auto-motivada de instituições com elevado grau de corporativismo, como a nossa, é muito limitada. Mas devemos estar preparados para que essa pressão se manifeste, através da Assembléia Legislativa e da imprensa. A mudança poderá levar muitos anos, mas a preparação para a mesma pode ser imediata. Tal preparação poderia incluir estudos comparativos entre o Brasil e países da América Latina, América do Norte, Ásia (a Coreia pode ser um bom contraponto) e Europa, relativamente a percentuais de jovens em cursos de nível superior, correlação entre esses percentuais e percentuais no ensino básico e médio, correlação com índices de distribuição de renda, número de alunos, docentes e funcionários nas universidades dos diversos países, número de ingressantes e formandos, sistemas de assistentes de ensino, diplomas intermediários, programas de captação (“reach-out”) de jovens talentosos, comparação de sistemas de ensino superior em geral, modalidades e abrangência de cursos noturnos e resultados de avaliações de qualidade de ensino.

Em resumo, consideramos que os nossos cursos são estreitos demais, formando alunos com pouca flexibilidade para um mundo cujo ritmo de mudança se acelera a cada dia. Deixamos de formar cidadãos para produzir especialistas cuja base de informação será obsoleta em pouco tempo. Ao repensar o conteúdo e a forma dos cursos de graduação, propondo idéias que talvez possam responder melhor aos desafios do novo século, vislumbramos a possibilidade de atender a uma outra demanda da sociedade, intra e extra-muros: a expansão das vagas nos cursos de graduação. Não só recusamos a idéia de que qualidade e grandes números são antagônicos, como acreditamos que o esforço para dar acesso a mais alunos resultará em melhor qualidade de ensino para todos.

ou Matemática) é contraproducente. Oito horas de aulas teóricas por semana deveriam ser suficientes para o professor apresentar o conteúdo fundamental das disciplinas de um semestre e marcar o ritmo, a cadência da disciplina.

As aulas teóricas seriam complementadas com “aulas práticas”, que não deveriam ser chamadas de “aulas”, para não regenerarem em exposições na lousa. Podemos denominá-las “atividades participativas”, que não devem ser confundidas com “laboratoriais” nem com “computacionais”. Trata-se da prática de usar o cérebro, não o “mouse”. Nestas atividades, os estudantes resolveriam problemas e tirariam as dúvidas com instrutores específicos da disciplina. Em muitos casos a participação nas atividades participativas também poderia ser livre. Não está excluído que vários instrutores possam ser professores, já que muitos professores têm mais vo-

HONRARIA
HONRARIA

PADRES



Dois missionários da cidadania visitaram a Unicamp no final de outubro. Conhecidos pela luta incansável que travam em defesa dos direitos humanos, ambos vieram receber o título de Doutor Honoris Causa, a maior honraria concedida pela Universidade. O cardeal

PEDRO

MANUEL ALVES FILHO

manuel@reitoria.unicamp.br

O formalismo que normalmente marca a cerimônia de entrega do título de *Doutor Honoris Causa* cedeu lugar a uma celebração simples e emocionante numa das salas do Centro de Convenções da Unicamp, no dia 24 de outubro. O maior motivo da quebra do protocolo acadêmico foi o próprio homenageado, o bispo emérito de São Félix do Araguaia, dom Pedro Casaldáliga, um dos símbolos da luta em defesa dos direitos humanos no Brasil.

Durante a solenidade, o religioso traduziu, na prática, o significado da palavra comunhão. Cantou, riu e refletiu com a platéia. Depois, dividiu a honraria com o seu povo e até com o rio Araguaia. A partir daquele momento, transformou todos os seguidores e simpatizantes da sua causa em doutores. “Doutores da utopia”, como dom Pedro gosta de destacar.

Cerca de 300 pessoas lotaram o auditório. Estiveram presentes, além da comunidade acadêmica, políticos, religiosos, representantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e membros de outras 20 organizações camponesas de nove países latino-americanos. Todos foram cumprimentar o homem que transformou o combate às injustiças sociais e a defesa da reforma agrária em missões prioritárias de vida.

O primeiro a saudar o bispo de São Félix do Araguaia foi o membro da direção estadual do MST, Paulo Albuquerque. Segundo ele, dom Pedro representa a esperança da sociedade de ver as terras que compõem os latifúndios divididas entre os trabalhadores. “É o sonho de semear a terra e gerar o fruto para alimentar o povo”, disse, para em seguida entregar uma bandeira da organização ao religioso.

Ao agradecer a concessão do título *Honoris Causa*, dom Pedro surpreendeu a platéia. “É a primeira vez na história em que uma universidade

confere o título de doutor a um rio”, afirmou, fazendo referência ao Araguaia, emblema maior da região que adotou como sua há 32 anos. A citação arrancou aplausos entusiasmados.

Para não fugir ao seu compromisso com a defesa dos interesses do povo mais humilde e sofrido, o bispo aproveitou a solenidade para promover mais um protesto. Dessa vez, o alvo foi a hidrovía Tocantins-Araguaia, empreendimento considerado danoso ao meio ambiente da região. “Essa obra vai prejudicar o rio, os peixes e as populações ribeirinhas”, advertiu. Um abaixo-assinado contra a construção da hidrovía circulou entre os presentes.

Momento de emoção – O momento mais emocionante ficou reservado para a aula ministrada pelo religioso, sob o tema “Na paixão pela utopia”. Como não poderia deixar de ser, dom Pedro defendeu o sonho, mas ressaltou: “Devemos tentar viver, com humildade e com paixão, uma esperança crível. Não se trata de esperar sentados. A esperança não pode fundar-se em promessas eleitoreiras e nem se pode traduzir em passiva resignação religiosa. Quem sabe faz a hora, não espera acontecer. A esperança, disse alguém, só se justifica nos que caminham”.

Pouco depois, dom Pedro voltou a citar os versos de Geraldo Vandré e propôs: “No Chile, a canção *Gracias a la vida* (de Violeta Parra) foi escolhida como a música do século. No Brasil, poderíamos escolher *Pra não dizer que não falei de flores*, pois é uma música que nos dá esperança”.

Antes mesmo do encerramento, todos começaram a cantar a canção de Vandré. Enquanto os integrantes dos movimentos sociais agitavam suas bandeiras, as autoridades que compunham a mesa ao lado do bispo do Araguaia deram-se as mãos. A solenidade terminou de uma maneira bem ao gosto do homenageado: poeticamente engajada.

Um homem das práticas

Dom Pedro Casaldáliga é catalão e chegou a São Félix do Araguaia em julho de 1968, um dos períodos mais duros da história do País. Logo após se instalar no local, recebeu o primeiro sinal do que o aguardava. Quatro crianças mortas, colocadas em caixas de sapatos, foram deixadas na varanda de sua casa.

Apesar da perseguição e dos atentados dos

quais foi vítima, o religioso continuou teimoso e corajosamente fiel aos seus princípios, como citou o diretor do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) Unicamp, Paulo Miceli, autor da proposta de concessão do título de *Doutor Honoris Causa*.

Numa região de constantes conflitos fundiários, o bispo ajudou a fundar a Comissão Pastoral da Terra,

organização que deu uma nova dimensão à questão agrária. Do Brasil, sua atuação estendeu-se para outras regiões da América Latina, sobretudo da América Central, marcada por impasses sociais semelhantes. Sobre o trabalho desenvolvido por dom Pedro Casaldáliga, o frei Leonardo Boff escreveu: “A grandeza de um homem não se mede pelas prédicas (discursos), mas pelas práticas”.

HONRARIA
 HONRARIA

NOSSOS

dom Paulo Evaristo Arns, arcebispo emérito de São Paulo, e o bispo emérito de São Félix do Araguaia, dom Pedro Casaldáliga, não se cruzaram. Mas deixaram mensagens semelhantes. Disseram, cada um a seu modo, que a causa que abraçaram não está ganha. Segundo eles, ainda há muito a fazer.



PAULO

Dom Paulo recebeu o título *Honoris Causa* no dia 20 de outubro. A honraria foi proposta pelos alunos da Unicamp e aprovada pelo Conselho Universitário (Consu). Durante a cerimônia, o cardeal lançou mão de uma de suas mais marcantes características, a humildade, para agradecer a homenagem. “Nunca fiz coisa alguma. Foi o espírito de Deus que trabalhou dentro de mim”, afirmou.

Se é como o arcebispo emérito de São Paulo diz, ele se transformou num valioso instrumento divino de combate ao arbítrio e às injustiças sociais. No período ditatorial, por exemplo, dom Paulo jamais se calou. A despeito das pressões, ele visitou presos políticos e denunciou a prática da tortura.

Superada a fase da repressão política, o cardeal não se acomodou. Continuou fiel ao seu compromisso. O motivo? É que para dom Paulo, o cidadão brasileiro ainda permanece privado de direitos fundamentais. “O direito humano menos respeitado no Brasil poderia ser chamado, de maneira geral, de cidadania. O direito do cidadão em participar de tudo o que é dele. Por exemplo: ele escolhe o vereador, mas depois acaba sua influência sobre o vereador. Não pode ser. Ele escolhe o prefeito, mas depois percebe que o prefeito cuida só dos amigos ou do partido dele. Não pode ser. Nós precisamos criar, de fato, um novo sentido para a palavra cidadania, devolvendo-lhe o respeito que ela tinha em tempos passados, em tempos de paz”, analisou.

O cardeal vê no título concedido pela Unicamp um tríplice valor pessoal. Ressaltou, em primeiro lugar, que a honraria foi dada a um religioso que nunca pensou em recebê-la de uma universidade inteiramente leiga. “É o vigésimo título *honoris causa* que eu recebo, mas é o mais importante de todos”, declarou. Em segundo lugar, prosseguiu dom Paulo, porque esta Universidade é um centro de pesquisa e ensino respeitado em todo o País. “Quando quisemos identificar as ossadas de presos

políticos desaparecidos, a primeira idéia que nos veio foi a Unicamp”, exemplificou.

Por último, o arcebispo emérito de São Paulo destacou que o título também serve de incentivo ao trabalho desenvolvido pela Igreja Católica. “A Igreja está sendo atacada por causa de sua defesa dos direitos humanos. Estão dizendo que ela defende bandidos. Não é verdade. A Igreja defende toda a dignidade do indivíduo, mas defende em primeiro lugar as vítimas e as pessoas que lutam pelo bem, verdade, justiça, solidariedade e paz no mundo”, sustentou.

O papel da instituição, na opinião do cardeal, é orientar a consciência da sociedade e chamar sua atenção quando são cometidas faltas constantes e graves, como acontece atualmente nas cadeias. “Nós denunciemos abertamente, pelas capelanias, a ocorrência de torturas nas prisões. Uma missão das Nações Unidas examinou a questão e constatou que isso era verdade. Precisamos estar atentos, pois a tortura é a maior ignomínia da humanidade”, disse.

Para o reitor da Unicamp, Hermano Tavares, que presidiu a cerimônia de entrega do título a dom Paulo, o cardeal é um patrimônio da história do País. “Quero dar o testemunho da minha geração sobre as medidas sérias e firmes que dom Paulo tomou todas as vezes que os direitos humanos foram violados”, afirmou.

Eleições - Quando o assunto é política, dom Paulo é direto. Ele afirma que a população ainda precisa amadurecer. “A pessoa tem que votar pensando no bem público e não por causa de um benefício que ela própria ou seus amigos recebem”, disse. O cardeal acrescentou que a Igreja acompanhou o processo eleitoral com muita atenção, recomendando aos fiéis que votassem segundo suas consciências. “Temos que lutar para que a cidadania seja o cerne de todo o nosso patriotismo”.

Uma figura superlativa

Dom Paulo Evaristo Arns é uma figura superlativa. Nascido num lugarejo de Criciúma (SC) em 1921, ele ingressou na ordem franciscana em 39. Trabalhava como vigário nos subúrbios de Petrópolis (RJ), quando foi indicado, em 66, bispo auxiliar de dom Agnelo Rossi, cardeal nascido em Campinas. Quatro anos depois, acabou nomeado arcebispo de São Paulo.

Assim que assumiu a arquidiocese, dom Paulo

incrementou a participação dos leigos nas atividades desenvolvidas pela Igreja e assumiu de forma destemida a defesa dos direitos humanos, constantemente violados no período do governo militar.

Em 75, o cardeal definiu, com a participação dos bispos auxiliares, as prioridades das regiões episcopais. Assim, ficou estabelecido que cada setor deveria assumir e articular as quatro prioridades escolhidas

pelo povo: comunidades eclesiais de base, direitos humanos e marginalizados, mundo do trabalho e pastoral da periferia.

Dom Paulo formou-se em Patrística e Línguas Clássicas pela Universidade de Sorbonne. É autor de 48 livros e recebeu aproximadamente 100 títulos nacionais e internacionais, a maioria como reconhecimento por sua luta em defesa dos direitos humanos.

HONRARIA
 HONRARIA

'Tocar em dom Pedro

O compromisso visceral de dom Paulo Evaristo Arns e de dom Pedro Casaldáliga com a defesa dos direitos humanos aproximou os dois religiosos. Um episódio ocorrido em pleno período ditatorial, lembrado pelo arcebispo emérito de São Paulo, comprova a força dessa ligação.

O então general Golbery do Couto e Silva, considerado o ideólogo do golpe militar, de vez em quando convidava dom Paulo para almoçar em Brasília. Certo dia, em meio às informações de que o governo queria expulsar dom Pedro do Brasil, o militar perguntou ao cardeal se este era amigo do bispo de São Félix do Araguaia. Ouvia uma resposta contundente: "Ele é mais que um irmão".

Dom Paulo avisou o papa Paulo VI sobre as perseguições sofridas pelo amigo. "Ele me disse que, se tocassem em dom Pedro, estariam tocando no próprio papa. Paulo VI afirmou ainda que seria uma ação contra toda a Igreja Católica e contra todo o mundo sensato", revelou o cardeal. Graças a esta intervenção, o bispo do Araguaia não foi extraditado.

Algum tempo depois, porém, o governo militar voltou a cogitar a expulsão de dom Pedro. Em novo encontro com dom Paulo, Golbery confidenciou que existia um decreto na mesa do então presidente Ernesto Geisel. O documento só não havia sido assinado porque Geisel tinha dúvidas sobre a correção da medida.

Golbery solicitou a dom Paulo a indicação de alguém que pudesse colocá-lo em contato com o bispo. Foi-lhe sugerido um intermediário. "Naquele momento, o general também evitou que dom Pedro fosse expulso do País", contou o cardeal, que classifica o amigo como uma pessoa corajosa, bondosa e sacrificada. "É um homem que vive com o mínimo possível, para dar o máximo possível aos outros".



Dom Pedro, reivindicando ensino superior para todos: 'Será que precisaremos criar o MSU, Movimento dos Sem Universidade?'

Honoris Causa para o rio Araguaia

Dom Pedro Casaldáliga considerou a homenagem feita pela Unicamp como um incentivo à luta contra as injustiças sociais, principalmente na região de São Félix do Araguaia. Afirmou que o título *Honoris Causa* não foi entregue a ele, mas sim ao rio Araguaia. "Com tudo o que o rio significa para a ecologia, para o mundo indígena, para as lutas camponesas e para a esperança. É um título coletivo e militante", declarou.

Para o religioso, a questão da terra continua sendo um problema central para o País. "A campanha mais urgente que o povo brasileiro deve assumir é a campanha pela reforma agrária", afirmou, acrescentando que a iniciativa está revestida de uma "utopia realíssima, pois ela caminha em direção ao sonho do povo por terra, educação e saúde".

Quanto à construção da hidrovía Araguaia-Tocantins, dom Pedro disse que a obra, apesar

de trazer malefícios para a natureza e para a comunidade local, é tratada como uma prioridade nacional pelo governo. "Esperamos que a solidariedade impeça essa loucura", disse.

O bispo de São Félix também fez questão de falar de dom Paulo Evaristo Arns, que quatro dias antes também havia recebido o título de *Doutor Honoris Causa* da Unicamp. "Dom Paulo é figura máxima do episcopado, neste século, na América Latina", definiu, lembrando que o amigo foi um dos responsáveis pela sua permanência no Brasil.

Biografia – Durante a solenidade de entrega do título foi lançada a biografia de dom Pedro Casaldáliga em português. O livro, intitulado "Descalço na terra vermelha", foi escrito originalmente em catalão pelo jornalista Francesc Escrivano. A obra está sendo publicada pela Editora da Unicamp.

D. Paulo entrega obras à Unicamp

A concessão do título de *Doutor Honoris Causa* a dom Paulo Evaristo Arns consolidou uma relação antiga entre o religioso e a Unicamp. Os documentos usados para produzir o livro "Brasil, Nunca Mais", que revela os horrores do período ditatorial, foram doados em 1985 pelo arcebispo emérito de São Paulo à Universidade. Atualmente, compõem o acervo do Arquivo Edgard Leuenroth.

No último dia 20 de outubro, dom Paulo presenteou a instituição com duas novas obras de inquestionável valor histórico. A primeira é um relatório produzido pelo pastor presbiteriano Jaime Wright. O documento conta como foram obtidas as provas do uso da tortura pelo regime militar. Conforme dom Paulo, o trabalho foi minucioso. Durante a noite, um grupo orientado pelo próprio Wright, pela jornalista inglesa Jeane Rocha e pelo advogado Luiz Eduardo Greenhalgh copiava os processos abertos pelo governo contra os presos políticos. De dia, os papéis eram levados até um local seguro. Para evitar que os militares descobrissem o esconderijo, a documentação foi trocada de local por pelo menos cinco vezes.

"Um dia, invadiram o Arquivo Arquidiocesano, que fica no Ipiranga. Reviraram tudo, mas não destruíram os papéis", recordou o cardeal. Mais tarde, dom Paulo decidiu procurar um lugar onde a coleção pudesse ser guardada com segurança e, ao mesmo tempo, ficasse à disposição da sociedade para consulta. "Procuramos um amigo corajoso que protegesse os documentos. A pessoa mais corajosa que encontramos estava encarnada na Unicamp. No mesmo dia, transferimos todo o acervo para cá", contou o arcebispo emérito.

Seu segundo presente à Universidade é o livro "Desaparecidos em la Argentina". Produzido pela mesma equipe, ele traz a relação de aproximadamente 8 mil desaparecidos políticos daquele país. De acordo com dom Paulo, o livro foi entregue somente ao papa, em 1983. "Nós esperamos a volta da Argentina ao regime democrático para tornar a obra pública", explicou. Conforme o levantamento, 23% dos desaparecidos eram estudantes. O restante tinha entre 19 e 30 anos. O livro foi editado posteriormente em português, espanhol e inglês. Nos últimos 17 anos, nenhuma das informações contidas na obra foi contestada.

Momento de emoção na homenagem a Dom Pedro, com os presentes cantando em coro: 'Quem sabe faz a hora...'



HONRARIA
 HONRARIA

é tocar no papa'

AULA
 MAGNA

DOM PEDRO CASALDÁLIGA

Passionis Causa

A Universidade Estadual de Campinas, pelo seu Instituto de Filosofia e Ciências Humanas e com o apadrinhamento do professor Paulo Miceli, me outorga o título de *Doutor Honoris Causa*. Como a própria denominação indica trata-se de um título "gratuito"..., que agradeço de coração e repasso à multidão de povo e colaboradores, que eu por vários motivos represento.

Um velho "cura de aldeia", catalão e poeta também, recebeu não há muito um título semelhante e ele o traduziu como sendo "laboris causa". No meu caso eu devo traduzi-lo como "passionis causa", deixando de lado o honor e o labor. Depois explico de que "paixão" se trata.

Antes, de entrada, devo recordar agradecido e até emocionado a imensa colaboração que eu e a nossa Igreja de São Félix do Araguaia e todo o povo de nossa região temos recebido de Campinas, desta mesma Universidade, da Igreja local, daqueles primeiros generosos voluntários e voluntárias, que saíram de Campinas e deram no Araguaia sua juventude e onde até arriscaram sua vida. Neste ano, como que simbolizando-os a todos, aqui, em Campinas, fez sua passagem, bem pascal por certo, o nosso Moura, Antônio Carlos Moura Ferreira, jornalista e escritor, um caso extremo de solidariedade, habitual e universal. Já vulnerado mortalmente, ainda fez questão de traduzir ao português: "Descalço por uma terra vermelha".

A paixão que poderia mais ou menos justificar o título que a Universidade me concede é "A Paixão pela Utopia". Uma paixão escandalosamente desatualizada, nesta hora de pragmatismos, de produtividade, de mercantilismo total, de pós-modernidade escarmentada. Mas que é, com outra palavra, a paixão da Esperança; e, em cristão, a paixão pelo Reino, que é a paixão de Deus e de seu Cristo. Uma paixão que, em primeira e última instâncias, coincide com a melhor paixão da própria Humanidade, quando ela se quer plenamente humana, autenticamente viva e definitivamente feliz.

A utopia, então, não como simplesmente utopia, o não lugar, mesmo que não esta "topia" que está aí, este mau "lugar" que nos impõem, este pensamento único, poder único, hora fatalmente única e até final da História!

Mas a eu-tupia, um lugar-outros ("outros 500"), um bom lugar.

Não este lugar-hora da exclusão da maioria e de privilégio narcisista da minoria. Antes, um lugar "onde quepan todos", como pedem os zapatistas maias: para a inteira família humana. Não a globalização neoliberal, homicida, suicida, ecocida; mas a mundialização da solidariedade para a construção (processual certamente e até dialética) daquela igualdade na dignidade, nos direitos e nas oportunidades das pessoas e dos povos, que farão a Humanidade uma, ainda que plural com suas alteridades.

É utopia mesmo. Confesso e proclamo. O Evangelho é a utopia maior e entretanto nos é proposta pela sensatíssima sabedoria do Deus que é Amor e Vida. Por Ele, e apesar de nós com frequência, somos desafio, futuro, esperança. A partir, claro está do frágil presente do dia a dia "Yo soy el día de hoy"; respondendo, com corresponsabilidade pessoal e histórica, à cotidiana tarefa.

Quanto mais dogmaticamente e mais prepotentemente se tem decretado o final da História, mais vêm proliferando as vozes, os gestos, as propostas de contestação e abertura, de alternatividade e sonho. Contra o caminho único e fechado! A igreja, por ocasião do jubileu cristão bimilenar. A VII Assembléia de Conferência Mundial das Religiões pela Paz, realizada em Amman, Jordânia, com o tema: "Ação global para vivermos juntos". A proclamação dos "outros 500", nos 500 tão contraditórios do nosso Brasil. Encontros indígenas, afroamericanos, de mulheres, do movimento popular. Propostas utópicas de sociólogos e teólogos: "Rehabilitación crítica de la Utopia a contratiempo" (Juan José Tamayo), "Direitos Humanos ou direitos dos pobres" (Félix Wilfred), "La igualdad una meta pendiente" (Antoni Comín Oliveires), "A segunda abolição" (Cristovam Buarque), "500 anos: início de uma caminhada" (Análise de conjuntura, da Comissão Brasileira Justiça e Paz e do Ibrades, na última Assembléia Geral da CNBB, realizada precisamente no polêmico Porto Seguro...). E uma longa ladainha em revistas e congressos e manifestações massivas. Das marchas do MST ao Davos alternativo.

A revista internacional "Concilium" dedicou seu último número do ano 99 a repensar a história passada e presente, dentro do marco cristão do jubileu, sob o título geral "2000: Realidade e Esperança". Deste número de "Concilium" vou respigar o artigo do grande moralista Marciano Vidal, intitulado "A Ética como sinal de Esperança", com o subtítulo deliciosamente a-científico "A bondade do coração da gente simples".

Vidal adverte inicialmente que o nosso tempo nem é melhor nem pior que outros tempos. Poderíamos advertir, porém, que em todo o caso é o tempo "nosso". E reduz Vidal a três os hábitos da bondade da gente simples "sobre os quais se apóiam as esperanças éticas da Humanidade voltadas para o futuro":

- "O olhar puro" para ver a realidade sem preconceitos nem interesses.
- A "empatia compassiva" para solidarizar-se com os fracos.
- A "simplicidade de vida" para citar valores alternativos à complexidade atual.

Frente ao obscurecimento do sentido do bem, Marciano Vidal apela nada menos que ao olho-lâmpada do Sermão da Montanha, carta magna da sociedade divinamente alternativa que Jesus propunha. E filosofa Vidal, na linha de Zubiri e do mártir Ellacuria, acerca de como assumir a realidade corresponsavelmente, segundo os três momentos que esses mestres fixaram: 1) Levar em conta a realidade. 2) Trabalhar com a realidade. 3) Encarregar-se dela para transformá-la. O "princípio realidade", então, seria o chão honesto de uma utopia/esperança dignamente humana. A realidade, sempre!

Para a "empatia compassiva" recorda Vidal uma afirmação pioneira do Concílio Vaticano II: "Entre os sinais do nosso tempo, deve ser mencionado especialmente o crescente e inelutável sentido de solidariedade de todos os povos". Otimista, a afirmação do Concílio, mas bastante verdadeira, e cada dia mais, até por necessidade. A solidariedade não é apenas "o novo nome da paz", é também o nome da sobrevivência universal. Uma utopia verdadeiramente humana comporta necessariamente a humana universal simpatia, a capacidade e a vontade explícita de compartilhar o espaço vital com o próximo, de acolher na "oikia" comum, de partilhar a terra e a água, o pão e a ciência, o tempo e o sonho, a vida!

"A simplicidade da vida" é evidentemente uma contestação radical à competitividade do lucro, à arrogância do poder, à violência do sucesso, ao consumismo besta e desenfreado. "Bem-aventurados os pobres de coração", aqueles/aquelas que sabem ser livres confiando no Pai que cuida dos lírios e dos pássaros; que vivem o dia de hoje também, sob o olhar e na palma da mão de Deus...

A utopia de que a gente fala e que todos vocês, companheiras e companheiros de caminhada, compartilhem comigo e com milhões que nos precederam, dando até o sangue, e com milhões que hoje vivem e lutam e marcham e cantam, essa utopia está em construção, evidentemente - operários da utopia em construção somos; a proclamamos e a fazemos; é dom de Deus e conquista nossa. Nós, como nos pede o texto da Nova Aliança definitiva, queremos "dar razão de nossa esperança", anunciá-la e tentamos viver, com humildade e com paixão, uma esperança crível. Não se trata de "esperar sentados"; nem aceitaríamos um fazer esperar cínico. A esperança não pode fundar-se em promessas eleitoreiras, nem se pode traduzir em passiva resignação religiosa. "Contra toda esperança" esperamos talvez, mas andando. "Quem sabe faz a hora, não espera acontecer". "A esperança - disse alguém - só se justifica nos que caminham". Quem já estiver farto com os mc'donalds neoliberais ou arriar as bandeiras com um conformismo derrotista, não tem por que esperar...

Como por uma universidade estamos aqui reunidos, permitam-me um excuro sobre Utopia na Universidade, precisamente. Porque para "outros 500", para outro Brasil, para outro mundo, necessitamos uma política outra em todas as esferas da vida social e também, evidentemente, outra Universidade.

Uma universidade que seja forja de valores e compromissos e não credencial de privilégios e subserviência de interesses; "clube de poetas" vivos e de intelectuais orgânicos; vanguarda até, mas a serviço. Rompendo o círculo vicioso em que seurlamente a Universidade - no Brasil, no Mundo - vem sendo atrapada com demasiada frequência. Uma universidade não para o sistema, mas para a vida. Não para a oligarquia, mas para o povo. Inculturada e por isso pluricultural; politizada e por isso militante; livre e por isso libertadora. Que o povo possa conquistar a Universidade como se conquista a terra, a moradia, a saúde, a cidadania... (Também para isso vamos ter que criar um MSU, o Movimento dos Sem Universidade?). A utopia começa pela cabeça, e muitas utopias e suas realizações históricas começaram na Universidade. Queremos, pois, uma Universidade galhardamente utópica!

Canta o poeta Oscar Campana:

*"Se não houver caminho que nos leve
 nossas mãos o abrião,
 e haverá lugar para as crianças,
 para a vida e para a verdade;
 e esse lugar será de todos,
 na justiça e na liberdade.
 Se alguém se anima, avise:
 seremos dois a começar..."*

Dois e muitos e muitas, vocês todos e todas, sendo sempre mais nesta roda viva, apesar de todos os pesares neoliberais, apesar de todas as rotinas das instituições, apesar dos nossos próprios enquistamentos. A utopia é sonho, é estímulo, é serviço. "A esperança, segundo Marcuse, foi-nos dada para servirmos aos desesperançados". De esperança em esperança caminhamos, esperançando-nos. A Humanidade não é suicida, tem genética divina. É filha do Deus da Vida. O "princípio esperança" é o mais radical DNA da raça humana. A utopia, como o horizonte caminhante da parábola de Galeano, nos convoca e provoca. Não só fazemos caminho andando; somos caminho. O "final da História" deles é para nós um sempre novo início da História, o constante recomeçar, sempre mais humanizadamente, da própria História humana.

Até alcançarmos - falo à luz da esperança cristã - a estatura do humano perfeito, segundo a medida d'Aquele que fracassou diante dos poderes religiosos, econômicos e imperiais, foi excluído "fora da cidade" como subversivo maldito pendurado numa cruz, mas que é Ressuscitado que "faz novas todas as coisas", revolucionando todas as consciências e todas as estruturas, até as estruturas da própria morte. (No meu quarto, lá no Araguaia, entre muitas lembranças de lutas e de sonhos, tenho sempre um cartãozinho em cores alegres com a palavra "Páscoa". Cremos na Páscoa, Páscoa somos!)

E termino, agradecendo a todos e todas: a solidariedade, o carinho, a presença. O título "passionis causa" e o compromisso comunitariamente renovado. À Unicamp, pioneira em tantas áreas, a seu reitor, doutor Hermano Tavares, ao corpo docente, funcionários e alunado, e aos padrinhos do título, professores Paulo Miceli, José de Souza Martins, Jerusa Pires Ferreira e Rogério César de Cerqueira Leite.

Da Unicamp ao Araguaia, da cidade ao sertão, esta é a palavra de ordem:

Na Utopia sempre!

OBS.: Esta é uma transcrição fiel da aula magna redigida por dom Pedro Casaldáliga, respeitando forma, pontuação e terminologia por ele utilizadas.

Homem das mil dicas

Engenheiro cria serviço para dividir o que sabe sobre informática

ROBERTO COSTA

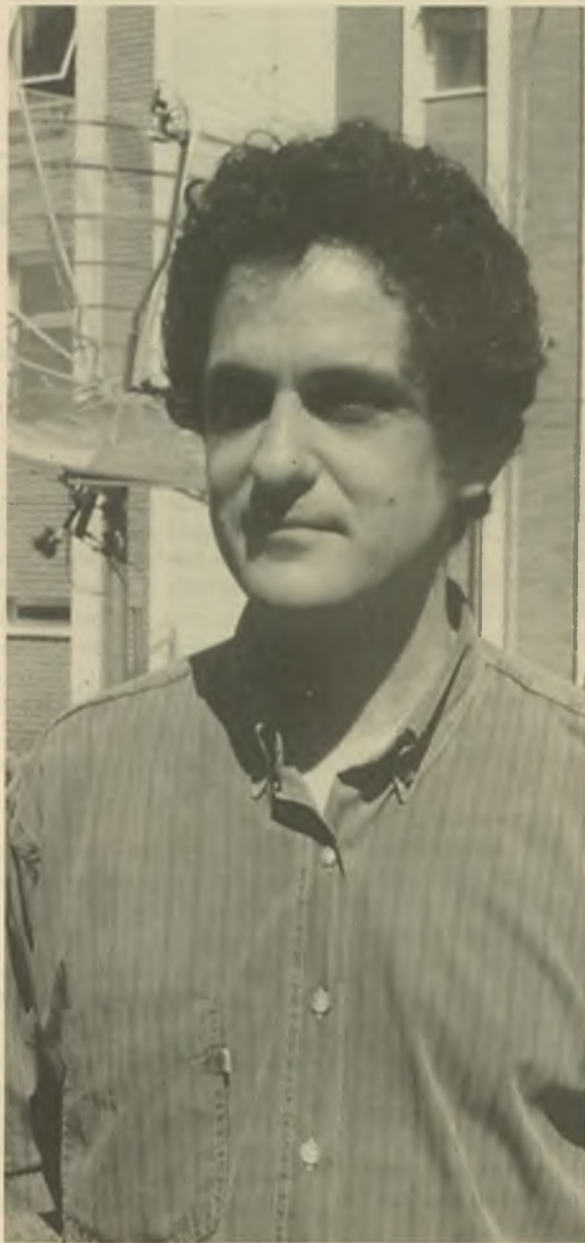
rcosta@unicamp.br

A busca individual por conhecimentos profissionais é uma marca do ser humano deste final de século. Busca-se a perfeição a todo custo. Qualquer hora de folga, mesmo as dos finais de semana, antes sagradas, agora são usadas para um novo curso que valorize o currículo. Este individualismo seguramente não compõe o caráter do engenheiro eletricitista Rubens Queiroz de Almeida, gerente da Divisão de Serviços à Comunidade do Centro de Computação da Unicamp. Seu perfil é da pessoa que divide conhecimentos com satisfação. "Quando compartilhamos informações, todo mundo sai ganhando", diz. "De nada vale tentar reinventar a roda. Assim como tenho sido ajudado, ajudei a muitos", filosofa.

Nesta linha nasceu *Dicas-I*, um serviço eletrônico coordenado por Queiroz e que oferece informações diárias sobre informática para mais de 10 mil assinantes. A milésima dica circulou no dia 29 de setembro (com um histórico sobre o serviço), mais de três anos depois da primeira, que foi ao ar em 3 de março de 97. "A idéia de *Dicas-I* nasceu da necessidade de registrar o que fazíamos no suporte ao usuário do Centro de Computação", conta o mineiro de 40 anos, natural de Juiz de Fora. Na primeira semana, a lista de dicas já reunia 400 assinantes, número que foi crescendo dia a dia. Compartilhando tanta informação com tanta gente, Queiroz passou a ser um referencial em diversas áreas da informática. Somente no *Google* (www.google.com), um guia de busca da Internet, há mais de 1.200 citações de seus trabalhos.

O próprio engenheiro contabiliza suas façanhas: as mil dicas somaram 50 mil linhas de textos, 264.800 palavras e 1.868.964 letras. Todo esse material está disponível no site da Unicamp, atualizado automaticamente às 2 horas da madrugada de cada dia, momento em que são enviados os e-mails, enquanto a página recebe a dica daquele dia. A versão de *Dicas-I* na Internet tem 200 mil page views/mês. A cada três informações publicadas, pelo menos uma vem de algum colaborador, sob temas variados. "Alguns mandam a nota pronta, outros uma página interessante, e eu procuro dar o formato final", explica. Queiroz redige as dicas nos finais de semana, em Jaguariúna, onde mora há dez anos com a mulher Suzana e os filhos Marina e Rodrigo. Geralmente faz uma dezena delas de uma só vez, evitando atropelos de última hora. Em 20 minutos tem um novo estoque pronto. Os temas normalmente mostram as descobertas que Queiroz vai fazendo. Linux é o preferido. Esta paixão resultou no livro *Dicas & truques - Diário de bordo de um administrador de sistemas*, lançado em julho pela Conectiva, na Livraria Cultura de São Paulo. Seu próximo projeto é produzir um livro eletrônico.

O livro virtual - Entre o diploma obtido na Federal de Juiz de Fora, em 1983, e a chegada à Unicamp, cinco anos depois, Rubens Queiroz foi professor de inglês no Cultura Inglesa. No campus percebeu a dificuldade das pessoas diante da obrigatoriedade de ler termos técnicos em inglês. Não pensou muito e se ofereceu à Diretoria de Recursos Humanos para ministrar um curso de inglês instrumental. Entre 96 e 97 passou seus conhecimentos da língua para quase 2.000 usuários. A partir desta nova experiência, Queiroz criou um manual com as palavras mais co-



Queiroz: informações diárias para 10 mil assinantes

munas da língua inglesa. São 750, disponíveis desde então no ambiente de *Dicas-I*. O arquivo, público, é copiado por 4 mil pessoas por mês e já teve três novas versões, desde a primeira em 98. Paralelamente fez um suplemento, com textos curtos que retira da própria Internet, sempre com alguma dose de humor.

Este material diluído pode ser assinado por qualquer um que possua e-mail. A pessoa receberá uma mensagem contendo as palavras que podem dificultar o entendimento do texto. E nem é preciso conhecer todas as 750. Queiroz levantou os 250 termos mais comuns em inglês, normalmente encontrados em 60 por cento dos textos. O livro eletrônico vai sair da condensação desses dois materiais e está praticamente pronto.

Software livre - Quando fala sobre software livre, os olhos de Rubens Queiroz brilham. Ele entende que o futuro da informática está no acesso igualitário a todos os programas de computadores. Cita Linus Torvalds, que em 91 lançou o Linux, um dos primeiros sistemas operacionais livres disponíveis. Uma pessoa que cria um programa e o coloca à disposição de todos, tanto o binário como o código fonte, representa a base do software livre.

Hoje existem 46 mil aplicativos diferentes de Linux, aproveitando a liberdade que se tem para fazer novos usos. Para quem não sabe, o Linux realiza prati-

camente o mesmo que o Windows, com uma vantagem fundamental: sua licença não precisa ser comprada. As empresas que exploram este filão garantem sua margem de lucro por meio do suporte oferecido aos usuários. Queiroz lê muito sobre Linux e, como nas dicas e nos cursos de inglês, dá sua colaboração escrevendo sobre o sistema. Não é por acaso que vive sendo convidado para palestras em diversas cidades. Em meados de agosto, em Itajubá, constatou que dentre os ouvintes estavam muitos que recebem suas dicas diariamente.

Na Unicamp o engenheiro ministra cursos regulares sobre redes TCP/IP e DNS, voltados aos administradores de rede da Universidade. Sua gerência responde por uma boa parcela dos treinamentos em informática realizados no campus. No primeiro semestre deste ano, foram oferecidas 5 mil vagas, entre tutoriais (cursos rápidos em que não se exige prática) e aulas em laboratório. Parte das vagas é fruto de convênio do Centro de Computação com a Agência de Formação Profissional da Unicamp (AFPU), iniciado em janeiro. Quando não está selecionando alunos para novos cursos, atendendo telefonemas ou respondendo a mensagens de usuários da Universidade, Queiroz se ocupa em buscar uma nova maneira de compartilhar informações. É comum vê-lo pelos corredores parando pessoas e propondo novidades. Ele sabe que a troca diária de informações é fundamental no mundo atual.

A primeira dica

O comando **find** é extremamente poderoso e flexível para descobrir arquivos que atendem a determinadas especificações. Por exemplo, suponhamos que queiramos descobrir todos os arquivos que não possuem dono em nosso sistema. Esta situação é extremamente comum, visto que usuários são criados e apagados diariamente e ficam vagando pelo sistema e podem eventualmente vir a comprometer a segurança.

O comando **find / -nouser -print** irá gerar uma listagem com todos os arquivos do sistema que não pertencem a ninguém.

Caso queiramos simplesmente apagar estes arquivos (não recomendável!) basta redirecionar a saída deste comando para o comando **xargs**, da seguinte forma:

```
find / -nouser -print | xargs rm
```

O mais prudente é gerar um **backup** destes arquivos, para em seguida apagá-los:

```
find . -cpio /dev/rmt0 -nouser
```

```
Para restaurar estes arquivos: cpio -idmv < /dev/rmt0
```

O comando **cpio**, a exemplo do comando **find**, é extremamente poderoso e flexível. Para maiores informações sobre seu uso e sintaxe, consulte as **man pages**

Inglês

Rune's Rule:

If you don't care where you are, you aren't lost. Law of Supply (also known as the Law of Gifts): You get the most of what you need the least. Hane's Law: There is no limit to how bad things can get.

Vocabulary Help

care - importar

lost - perdido

supply - suprimentos

gift - presente

Compartilhando

750 palavras em inglês:

<http://www.Dicas-I.unicamp.br/dict.pdf>

Dicas-1:

<http://www.dicas-l.unicamp.br>

Inglês em doses: mande e-mail vazio para efr-subscribe@onelist.com

PESQUISA
 PESQUISA

Tapando o sol com a peneira

BILL SOUZA
 billsouza@ig.com.br

Os pequenos portos de areia de Araçariguama, no Estado de São Paulo, guardam mais que as técnicas de extração dos areeiros, legadas de pai para filho. Eles guardam também uma sabedoria popular cada vez mais ignorada pela comunidade acadêmica. A constatação é de Sandro Tonso, professor de Educação Ambiental do Centro Superior de Educação Tecnológica (Ceset) da Unicamp, instalado em Limeira. A investigação metódica feita por Tonso comprova que a distância entre os dois universos faz com que ambos os lados saiam prejudicados: a universidade passa a desempenhar um papel secundário para a sociedade, na mesma proporção em que a comunidade dificilmente tem contato com os conhecimentos científicos no seu cotidiano.

Para acabar com o ruído na comunicação e quebrar a distância que separa os dois mundos, o professor sugere o desenvolvimento de uma ação realmente participativa, que integre os campi universitários à comunidade. "Todos perdem quando não há um canal eficiente para a troca de informações", explica Tonso. As conclusões integram sua tese de doutorado "A Universidade e o Setor Areeiro: As Dificuldades de um Diálogo Possível", defendida em agosto último no Instituto de Geociências.

A extração de areia - um mineral agregado, no jargão técnico - foi o pano de fundo para estudar a complexa relação entre a universidade e uma determinada comunidade. Tonso percebeu que o conhecimento das técnicas da produção de areia em Araçariguama é passado de geração em geração. Ao mesmo tempo, a maior parte dos acadêmicos de três universidades públicas (da USP, Unicamp e Unesp) produz teses sem considerar a complementaridade entre estes dois tipos de conhecimento. "A pergunta que nós devemos fazer é 'qual o nosso papel social?'", diz ele, que analisou 801 trabalhos acadêmicos para fundamentar seu estudo.

A escolha do tema extração ocorreu porque este tipo de mineração, como escreve o autor em sua tese, "está fortemente relacionada com toda a dinâmica urbana, seja do ponto de vista das construções de casas, setores comerciais, indústrias e demais equipamentos sociais - como escolas, creches, hospitais, bibliotecas etc. - seja pelo setor das infra-estruturas de saneamento básico, como esgoto, tubulações de água tratada, passando por toda a pavimentação, arruamento etc."

Em síntese, a dinâmica do setor de mineração dos bens agregados está diretamente relacionada ao crescimento e desenvolvimento urbano de uma determinada região. Também por isso o autor optou pelos pequenos portos de areia, que possuem uma grande importância social e local sem ter, contudo, grandes impactos na economia da região onde estão localizados. "Mas eles causam um grande impacto ambiental, gerando a necessidade de uma abordagem múltipla", observa Tonso.

Abismo - Em sua tese de doutorado, que teve orientação da professora Rachel Negrão Cavalcanti, Tonso levantou quatro hipóteses para caracterizar o

Pesquisa revela abismo existente entre a universidade e a comunidade



Trabalhador na extração de areia e o professor Tonso (destaque): falta de canal eficiente para troca de informações



abismo que existe entre a Universidade e Sociedade. Em primeiro lugar, destaca o professor, a Universidade "parece não se interessar em trabalhar com as coisas do cotidiano". Ao falar sobre uma das possíveis causas, ele é enfático: "Esses temas de demanda predominantemente social tratam de questões locais que dificilmente geram artigos em revistas internacionais".

Seguindo sua linha de raciocínio, surge o segundo ponto. O saber acadêmico tende a ser compartimentado, ou seja, analisa a partir de perspectivas muito específicas, desconsiderando a complexidade da realidade. "Boa parte das metodologias científicas tende para a especialização de determinado tema, que é importante, mas perde o contexto social", observa.

O terceiro ponto que provoca esse isolamento entre os dois mundos é o que ele chama de hierarquização dos saberes. "Quem tem nível superior olha com

arrogância para o cidadão comum. O mesmo acontece no sentido contrário. Cada um, a seu modo (conhecimento teórico e a prática cotidiana), fica em um pedestal. Isto é um obstáculo para o diálogo".

Por fim, entra no campo da linguagem, a forma básica do relacionamento humano. "Cada um fala a sua língua e parece não se esforçar para entender e ser entendido".

Apesar da constatação dessa distância, Tonso acredita que há meios para recuperar o tempo perdido e traçar políticas de comunicação eficientes entre Universidade e Sociedade daqui para frente. "Basta vontade para que todos sentem à mesma mesa para uma conversa, para somar". Ele mesmo pretende discutir a linha central de sua tese com outras pessoas interessadas no assunto. Tanto que fez questão de deixar seu e-mail para contato. É sandro@unicamp.br.

TRAZENDO O RECORTE DESTE ANÚNCIO, VOCÊ GANHA A SOBREMESA

DON PEYRONE

RESTAURANTE CASEIRO SELF-SERVICE

1 Ano de bom atendimento em Barão Geraldo.

- Deliciosa Comida Caseira
- Saladas Diversificadas
- Carnes Grelhadas
- Som Ambiente Agradável
- Sala com TV

Av. (Um) Dr. Romeu Tórtima 500
 Fone (19) 249-0285

Mãe Maria de Oxum

Problema espiritual, de amor, saúde, desemprego, amarração, limpeza e fechamento de corpo.

Fones
 231-7718, 854-4031
 Búzios - Carta - Tarô

Mimo's

Cestas e Flores

cel 9125-8743

CASA DO LIVRO ESPÍRITA
 Sublime Peregrino

"Ler e estudar Kardec é fundamental para o correto entendimento da Doutrina Espírita"

Livros em outros idiomas - K7 - CD - VHS
 TAMBÉM SOB ENCOMENDA

Fone/Fax (19) 212-0549
 Av. Dr. Alberto Sarmento 1057 - Castelo - Campinas
 (próximo ao Balão do Castelo) - Estacionamento próprio

sebo brechó
Valise
 Jde
 móveis decoração

- LIVROS - CDs
- GIBIS E REVISTAS
- ROUPAS SEMI-NOVAS E ACESSÓRIOS
- MÓVEIS E TAPETES
- ARTESANAIS

289-0028

Av. Albino J. B. Oliveira 1351 (próximo ao Banespa)
 R. Maria Luiza B. Pattaro 132 (entrada opcional)
 Barão Geraldo - Campinas SP valise@ig.com.br

INICIAÇÃO

O som na cabeça

Pesquisa sobre o compositor Lô Borges é a mais votada pelos visitantes do Congresso Iniciação Científica da Unicamp

MARIA ALICE DA CRUZ
 marialice@unicamp.br

Você emprestou seu violão ao Lô?
 -- O que houve com o violão?
 -- Por enquanto, nada.
 -- Você já viu seu irmão tocar?
 -- Acha que ele leva jeito?
 -- Leva jeito? Tá brincando. Ele já é. A gente só tem que cuidar...

O diálogo acima foi extraído do livro *Os sonhos não envelhecem (Histórias do Clube da Esquina)*. É uma conversa mineira, onde Milton Nascimento questiona o letrista

Márcio Borges sobre os progressos do irmão, Lô, que na época tinha apenas 10 anos de idade mas já entusiasmava os frequentadores dos encontros promovidos na casa. Se eles tinham que cuidar, o fizeram muito bem. Aquele dedilhar de cordas remetia ao que é hoje um dos mais consagrados representantes da música de Minas Gerais. Aos 14 anos, o "irmãozinho" já fazia parte do prestigiado Clube da Esquina, em Belo Horizonte. Hoje, aos 47 anos, Lô Borges toca como ninguém violão, piano e guitarra, e assina seis LPs e um CD, além



Capa do Clube da Esquina: divisor de águas

Thais com Lô Borges: vasculhando obra e vida do artista



de ter composições interpretadas por grandes nomes da música brasileira, inclusive o maestro Antonio Carlos Jobim.

A paisagem da janela lateral de um quarto de dormir, aberta para as montanhas de Viçosa – cidade da Zona da Mata – inspirou a pesquisa de Thais Alvim Nunes, aluna do terceiro ano de música da Unicamp. O projeto "Buscando a essência da música de Lô Borges" ficou em primeiro lugar na votação feita pelos visitantes do 8º Congresso de Iniciação Científica da Universidade, em meio a 500 trabalhos. "Acho que escolheram minha pesquisa pela limpeza visual e sobriedade das cores", afirmou

Thais, surpresa como o resultado, já que o Instituto de Artes é representado por menor número de trabalhos. Ela omitiu, contudo, que o público talvez tenha se cativado por seu talento ao cantar *Para Lennon e McCartney*, um dos maiores sucessos do compositor, durante a exposição do painel. Nascida em Tupaciguara e, portanto, tão mineira quanto seu entrevistado, Thais tem 23 anos e desde muito pequena vem sendo incentivada ao piano, por mãe e tia, ambas pianistas. Quando o disco *Clube da Esquina* foi lança-

do, ela nem estava no mundo. Descobriu Lô Borges somente aos 18 anos, tomando-se fã da música mineira autêntica.

Justamente visando compreender a concepção e o vocabulário desta música, Thais utilizou a bolsa oferecida pelo Serviço de Apoio ao Estudante para vasculhar a vida do artista. E teve a ajuda do próprio Lô Borges, que se preocupou em apresentar pessoalmente o lugar onde nasceu e cresceu e as pessoas com as quais conviveu. A história contada pelo compositor teve influência decisiva em suas criações. "Lô Borges representa uma época. Viveu um mundo de transformações, guitarras elétricas, cabelos compridos, Beatles... Mas por que a arte dele é tão diferente se comparada à dos outros?". Esta particularidade é o que orienta a pesquisa de Thais.

Para o mundo – Um jovem de composições nada comerciais, levado por pura inspiração e fiel nas relações com a família e amigos como Milton Nascimento, seu maior incentivador, e Beto Guedes, companheiro que fez questão de carregar consigo para o Rio de Janeiro, a fim de divulgar a nova música mineira, que depois acabou ganhando o mundo. Mas Thais observa que é bem diferente ouvir a obra do Clube da Esquina em qualquer outro Estado, sem uma janela para as montanhas mineiras. "Aprendi a ouvir Lô em Viçosa, onde comecei um curso de arquitetura. Se tivesse ficado em Tupaciguara, talvez não tivesse conhecido a música mineira." Apesar de ter nascido no mesmo Estado que os rapazes da Esquina, ela tinha tendência para o banquinho e o violão de Joyce, entre outros nomes da música carioca. Rendeu-se ao talento de Lô Borges, como Jobim, que gravou *Trem Azul*.

A análise da harmonia, melodia, forma, instrumentação, timbres e interpretação levou Thais até um artista nada convencional em termos de utilização dos elementos musicais. O próprio compositor confessou a ela, durante suas conversas, que suas músicas têm pouco a ver com regras de composição musical. Quanto ao estilo, um Lô é inspirado por fontes bem distintas. Ora a influência dos Beatles, ora do jazz, ora regionalíssimo e, de repente, um *Trem Azul* bossanovista. Vem dele também a confissão de que era um ouvinte passivo, antes de tentar seus próprios dedilhados.

A obra do artista mineiro permitiu o estudo cuidadoso de um vocabulário extremamente musical, sem que a pesquisadora se perdesse em meio às letras, mesmo porque 90% delas foram escritas pelos parceiros Márcio Borges, Fernando Brant e Ronaldo Bastos. Segundo Thais, que foi orientada pelo professor Antônio Carvalho dos Santos, o compositor "traduz em canção a visão de mundo de um povo, de um lugar, de uma época e de uma geração".



Cena mineira: paisagem inspirou estudante



Primeiro disco de Lô: pouco convencional

Mais que aprender, fazer

Grande parte dos estudiosos, ao ingressar numa universidade, traz na mente um sonho: o de realizar, mudar e melhorar. Não poderia ser diferente na Unicamp, onde já na graduação o que "rola" na cabeça dessas pessoas, muitas saindo da adolescência para a juventude, pode ser colocado em prática. Por meio de recursos fornecidos por agências de fomento como CNPq, Fapesp, Pibic ou pelo Serviço de Apoio ao Estudante, muitos sonhos, como o de Thais Alvim e de outros 500 alunos, se materializam em projetos de iniciação científica.

Mais do que culturais, eles colaboram com o desenvolvimento e, em alguns casos, com a organização social. "Meu trabalho apresenta ao público a história de um artista brasileiro, por isso

acho que ele tem benefício cultural", diz Thais.

Os cinco trabalhos premiados respondem a uma das propostas universitárias que é disseminar conhecimentos e servir à sociedade. "A idéia é estimular a prática do fazer, para que o aluno não se restrinja à prática do aprender", salienta o pró-reitor de Graduação Angelo Cortelazzo.

Como reconhecimento e estímulo, a Unicamp entrega aos autores dos cinco trabalhos mais votados certificados de honra ao mérito em cerimônia no próximo dia 9 de novembro. Alguns trabalhos, mesmo não estando relacionados, deverão fazer parte de publicações internacionais; outros já estão com seus resultados disponíveis para consulta pública na Internet.

Outros escolhidos

Tradição Nagô – O público foi realmente atraído pela música, que nesse caso serviu de base para um trabalho de expressão corporal. Os elementos simbólicos do canto Nagô inspiraram a criação coreográfica do estudante de artes corporais Kleber Damaso Bueno. O tema "Tradição Nagô e dança contemporânea: uma elaboração do mito" foi o segundo mais votado pelos visitantes do Congresso.

Identidade social – "Eu sabia que meu trabalho seria eleito porque minha dedicação grande", festeja Mônica Maria Barbosa Leiva de Lucca, terceira colocada na opinião do público. O painel "A construção da identidade social da comunidade do Assentamento '12 de Outubro' do Horto Vergel, em Mogi-Mirim, segundo Mônica, chamou a atenção por conseguir trazer os sujeitos do assentamento para a comunidade universitária, por meio de fotos e registros.

Produção de frangos – Pesquisa desenvolvida pelo estudante de matemática Marcos Rogério Sanches, visando um modelo para indicar a melhor época de comercialização de animais, foi a quarta mais votada entre os painéis. Para executar o projeto "Modelo para lucro na produção de frangos", Sanches utilizou dados obtidos junto ao próprio comércio de corte.

MÚSICA
 MÚSICA

VIOLEIROS A BORDO

Aula sobre viola caipira foi um dos destaques do Festival de Artes do IA

ANTONIO ROBERTO FAVA
fava@obelix.unicamp.br

Ao contrário do que muitos imaginam, a viola, tão usada por duplas de música sertaneja, não tem sua origem na roça, mas em Portugal: foi introduzida no Brasil pelos jesuítas, principalmente por José de Anchieta, servindo como mais um instrumento de catequese dos índios. Isto ocorreu por ocasião do descobrimento do Brasil. Acredita-se que a esquadra de Pedro Álvares Cabral já contava com alguns violeiros a bordo.

Um *workshop* sobre viola caipira fez parte da programação do 1º Festival do Instituto de Artes (*Feia*) da Unicamp, idealizado pelos alunos de graduação e pós-graduação dos cursos de Artes Cênicas, Artes Corporais, Artes Plásticas, Multimeios e Música. A proposta foi a de promover o intercâmbio dos artistas com a comunidade e a troca de experiências entre os eles próprios. Durante oito dias (de 8 a 15 de outubro), a arte extrapolou os limites do campus e ganhou as ruas da cidade e o Centro Cultural Evolução, levando emoção para um público que dificilmente teria acesso a essas atividades.

A exemplo das demais oficinas e *workshops*, o professor de viola Ivan Vilella tinha uma platéia basicamente de leigos. Contou que, nesses 500 anos, a viola evoluiu a ponto de existirem, hoje, modelos com mais de vinte afinações diferentes, acompanhando inúmeros gêneros de música. Predomina no País, evidentemente, a viola caipira. Os redutos de violeiros são as regiões Centro-Sul e Nordeste.

“É um instrumento que pode ser classificado de idiomático. Sob o ponto de vista rítmico, é bastante complexo em virtude da variedade de afinações, como se fosse uma outra língua. Possui linguagens muito próximas, embora diferentes”, explicou o professor, mestrado pelo Departamento de Música do IA.

O número de cordas e a afinação variam de re-

gião para região do Brasil. Ela é afinada seguindo critérios rigorosos, como uma quinta abaixo da afinação do violino e uma oitava acima do violoncelo. É um instrumento extremamente melodioso. Há grandes talentos brasileiros, mas Vilella lembra que “jovens sem estudos musicais, muitas vezes, revelam enorme habilidade com o instrumento, dependendo do esforço e dedicação”.

Abençoado – Caruru, cateretê ou catira, pagode (não esse que está aí, massificado pela mídia) e Folia do Divino (ou de Reis) são alguns dos gêneros musicais ou manifestações folclóricas onde a viola tem papel preponderante, segundo o professor. Pode ser em solo ou com acompanhamento de outros instrumentos, principalmente de percussão. Dizem que o violeiro é uma pessoa abençoada, pois seu instrumento costumeiramente integra eventos religiosos. Também integra eventos profanos, sobrando ao



Ivan Vilella, professor do IA, durante *workshop* que fez parte do Festival de Artes: viola é um instrumento idiomático

tocador a acusação de pacto com o diabo. “Mas diz a lenda que, quando um violeiro morre, não há nada que o impeça de entrar no céu, tem livre acesso”, conta Vilella.

A Festa do Divino, que acontece cinquenta dias após o Domingo de Páscoa, celebra a descida do Espírito Santo para os cristãos. Ela é muito antiga, realizada em Portugal desde o ano de 1240. Considerada uma celebração meio profana, aos poucos foi sendo incorporada à religiosidade do povo brasileiro. Em Paraty (RJ), grupos de violeiros executam músicas sacras e do folclore regional para festejar o Boi Divino, com procissões e distribuição de comida aos pobres. O cateretê ou catira, ritmo indígena, é outro gênero de música e dança praticado principalmente no interior de São Paulo e Minas Gerais, onde a viola determina a evolução do espetáculo. “É o instrumento-mestre do evento”, ressalta Ivan Vilella.

Outras lendas – Robert Johnson, possivelmente o maior *blues man* de todos os tempos, teria vendido a alma ao demônio para receber talento e habilidade ao violão. No supersticioso sul dos Estados Unidos do início do século, eram comuns os mitos demoníacos e este já faz parte da tradição do gênero. O fato é que Johnson, morto aos 27 anos, criou um estilo imitado até hoje por ícones do *blue* e também do *rock*, como Elmore James, Muddy Waters, Eric Clapton e Keith Richards, apenas para citar alguns.

No Brasil a superstição não alcança tal dimensão. Conta-se, contudo, que para aumentar seu talento o violeiro costuma “mexer os pauzinhos” com o diabo. E o talento lhe é conferido de acordo com o número de fitas coloridas que o instrumentista amarra no braço da viola.

Modelos de viola

É grande o número de modelos de viola no Brasil. Material de fabricação, quantidade de cordas e afinação variam de acordo com as regiões. As mais populares são a viola caipira e a viola-de-cocho. A de cocho, de fabricação caseira, tem cinco cordas e seu bojo é abalado, sendo muito tocada em danças folclóricas como caruru e catira. A viola burguesa, muito difundida em Portugal, Açores, Madeira e também no Brasil, é montada com cinco ou seis pares de cordas de aço ou arame e sua afinação é a mesma do violão. Há também a viola de gamba, tocada com arco, como o violoncelo.

Como surgiu a trilha sonora

ADRIANA MIRANDA
Adriana@reitoria.unicamp.br

No *Feia* debateu-se de tudo um pouco, permitindo que estudantes de artes ou leigos soubessem, por exemplo, que já na primeira sessão pública de cinema, patrocinada pelos irmãos Lumière em 1895, havia um pianista na sala. Que o célebre *E o Vento Levou* (1939), com Clark Gable e Vivien Leigh, em 220 minutos de duração, possui apenas 20 sem fundo musical. Ou que *Cidadão Kane*, de Orson Welles, significa um grande momento de transformação do cinema.

“O cinema surgiu como uma técnica que permite registrar e entender o movimento”, explicou Ney Carrasco, coordenador de graduação do

IA, durante o *workshop* “A música no cinema industrial norte-americano”. O tema foi a trilha sonora.

As primeiras sessões públicas, segundo o professor, apresentavam imagens de operários em portas de fábrica, trens chegando na estação ou apenas situações cotidianas. Em 1915, vinte anos depois do evento dos Lumière, ocorreu outro grande marco: a consolidação do cinema enquanto imagem, com o filme *O Nascimento de uma Nação*, abordando a guerra civil americana em 165 minutos.

Este filme tem de muito importante – além de um enredo com começo, meio e fim – as músicas compostas para os personagens. “Ele é indispensável para a história do cinema por causa da inovação técnica, pois pelo roteiro teria sido jogado fora”, afirmou Carrasco, lembrando que o autor preconceituosamente responsabiliza os negros americanos pela guerra naquele país.

Ney Carrasco, do IA: a música no cinema norte-americano

A passagem do cinema mudo para o sonoro acontece em 1927, quando os irmãos Warner, à beira da falência, lançam de uma hora para outra *O Cantor do Jazz*. “Foi uma revolução. Como não houve um período de transição, o som provocou um choque, gerando problemas sérios”, explicou Carrasco. Os atores não sabiam falar direito, músicos foram postos na rua e donos de salas que exibiam apenas filmes mudos, faliram. Foi inevitável que os “talking pictures” (as fitas faladas) se estabelecessem definitivamente, ainda que com pouca música.



O ápice da manipulação do som é atingido em 1933, com *King Kong*, quando enfim se pode falar em trilha sonora. “É o momento em que o som adquire no cinema o mesmo status da imagem. A partir daí surgem os trabalhos de edição sonora, dublagem e mixagem”, finalizou o professor do IA.



O Japão colorido à mão

Cartões postais expostos na Unicamp revelam um país em transição

ÁLVARO KASSAB

kassab@reitoria.unicamp.br

As mensagens escritas no verso de 63 cartões postais expostos na mostra *Vistas Antigas do Japão* (1890/1930) são saudosas, singelas e respeitadas. Estão lá as declarações de amor, indagações sobre a saúde do destinatário, comentários fortuitos, pequenas confidências, recados para os filhos, breves relatos do cotidiano, bobagens de fim e de começo de século...Telegráficos, por força da limitação espacial, os escritos servem de pano de fundo para imagens que opõem o feudal e o cosmopolita, o campo e a metrópole, o artesanal e o mecânico, o onírico e o real. Estão lá o litoral recortado, os artistas de rua, o singlar dos juncos, os bondes de Tóquio. Estão lá o tear, o poço, os montes, os rochedos, o riquixá, o santuário, a jovem com sombrinha, a jovem com quimono, a casa de chá, a plantação de chá, cenas de batalha, o porto, a cascata. Está lá o país que emerge como potência.

Um fio condutor imperceptível alinhava, na exposição, componentes históricos e artísticos. A ruptura do isolacionismo milenar, causada pela chegada, em 1853, de uma frota de guerra americana que impõe a abertura dos portos, acarreta mudanças significativas nos hábitos e nos costumes japoneses. Com a arte não poderia ser diferente, como retratam os cartões doados pelo professor Luiz Dantas, diretor do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), ao acervo do Centro de Documentação Cultural "Alexandre Eulalio" (CEDAE), local da exposição. As fotografias em preto e branco revelam como os japoneses não



Dantas: japoneses tinham sofisticado sistema de convenções estéticas

só mimetizaram a arte do enquadramento, da luz e das paisagens, como imprimiram uma espécie de olhar próprio a partir de uma tecnologia que chegou com os "invasores". Mais: com o declínio da xilogravura, os artistas deixaram os ateliês e migraram para o ofício de colorir as fotos à mão.

Segundo Dantas, os trabalhadores da estampa japoneses, fontes inspiradoras da grande revolução da pintura europeia que foi o impressionismo, surpreendem ao subverter o sentido da composição na arte de colorir as fotografias. "Não é um colorido uniforme, realista. O que se vê ali é um pouco da escolha particular, há uma forma estilizada de tratar a cor, que é particular ao japonês e seu sofisticado sistema de convenções estéticas".

Nada escapa aos coloristas, sobretudo no que diz respeito aos temas consagrados à natureza, cuja veneração por parte dos japoneses remonta à religiosidade. "Existe no Japão uma tradição de contemplação da natureza compatível com o budismo zen e com o xintoísmo", explica Dantas. O professor adquiriu boa parte dos cartões expostos na França, onde defendeu tese sobre a visão que o escritor Aluisio Azevedo tinha do Japão da virada do século.

O romancista, que serviu como diplomata em Yokohama, foi um dos primeiros brasileiros a escrever sobre as transformações que ocorriam no país. "O olhar de Azevedo era, no fundo, muito nostálgico. O tempo todo ele se maravilhava com aquilo que achava exótico, diferente. Ao mesmo tempo, há uma impressão um pouco melancólica de uma transformação inexorável, uma espécie de fatalidade do sistema colonialista", avalia

Dantas, para quem a visão do escritor era ingênua por não perceber que o Japão já havia se colocado voluntariamente na atualidade, competindo em pé de igualdade com as grandes potências ocidentais.

A mostra desnuda essa superposição. Estão lá os flagrantíssimos da guerra entre Japão e Rússia, em Port Arthur, na China. Estão lá as cerejeiras em flor. Está lá a poesia.

Imagens Antigas do Japão (1890-1930)

Curadoria – Luiz Dantas

Coordenação – Flávia Carneiro Leão

Local: Centro de Documentação Cultural "Alexandre Eulalio"

(CEDAE) – Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Unicamp

Data: até 17 de novembro.

Site: <http://www.unicamp.br/iel>



Estrada das Criptomérias

Mulheres tiram água de poço

Jovem com quimono azul

Jovem com sombrinha

Jovem com cesto de legumes